

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GUSTAVO DOS SANTOS MELO DE CASTRO

**CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE A
AGREMIAÇÃO E A MOOCA FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES DO BAIRRO**

SÃO PAULO
2022

GUSTAVO DOS SANTOS MELO DE CASTRO

**CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE A
AGREMIÇÃO E A MOOCA FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES DO BAIRRO**

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof^a. Dr^a. Simone Scifoni

SÃO PAULO

2022

CASTRO, Gustavo S. M. **CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE A AGREMIÇÃO E A MOOCA FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES DO BAIRRO**. Gustavo dos Santos Melo de Castro. São Paulo, 2022. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Scifoni.

Prof.(a) Dr.(a). _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof.(a) Dr.(a). _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof.(a) Dr.(a). _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho apesar de todos os percalços enfrentados com a pandemia de Covid-19.

À minha mãe, Maria de Fátima, que esteve presente em toda minha jornada educacional me mostrando desde cedo o valor da educação na formação pessoal e profissional, me incentivando a vencer os obstáculos e ir sempre em busca dos meus objetivos; ao meu pai, José Castro, que me mostrou o valor do trabalho e a importância da educação e me incentivou em todas as minhas decisões; à minha irmã, Paloma Castro, que com sua experiência acadêmica, doou significativa parte de seu tempo me auxiliando na formatação deste trabalho.

Agradeço à professora Simoni Scifoni pela orientação lúcida, pela disponibilidade e pela paciência dispendida durante a realização desse trabalho.

Agradeço a todos os docentes da graduação, pela ajuda e pela paciência com que guiaram meu aprendizado durante essa jornada.

Agradeço à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização do curso.

Agradeço aos meus colegas de curso, Ramilton Gomes e Wilian Nakamura, que durante o período da graduação foram leais companheiros de trabalho com quem tive uma intensa troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO

A verticalização da cidade de São Paulo vem crescendo notoriamente. Nesse processo, bairros inteiros e distintos tendem a ser homogeneizados por uma paisagem comum, repleta de torres residenciais e comerciais. Bairros tradicionais, como a Mooca, vêm sofrendo com as consequências desse processo, perdendo características originárias e marcantes da paisagem local, outrora fabril e agora cada vez mais abarrotada de imponentes torres residenciais, que renunciam à dinâmica do bairro. A partir dessa constatação, discute-se nesse trabalho o papel e a importância do Clube Atlético Juventus, agremiação esportiva originada no bairro e que defende e propaga a manutenção das tradições e a disseminação do bairro enquanto de origem operária, frente as transformações promovidas pelo processo de especulação imobiliária que descaracteriza símbolos inerentes à Mooca, processo este que moradores tradicionais do bairro e adeptos do time de futebol visam frear temendo o esquecimento da origem operária e italiana do bairro.

Palavras-chave: Mooca. Clube Atlético Juventus. Especulação imobiliária. Verticalização. Bairrismo.

ABSTRACT

The verticalization of the city of São Paulo has been growing noticeably. In this process, entire and distinct neighborhoods tend to be homogenized by a common landscape, full of residential and commercial towers. Traditional neighborhoods, such as Mooca, have been suffering from the consequences of this process, losing original and striking features of the local landscape, once industrial and now increasingly crammed with imposing residential towers, which renounce the dynamics of the neighborhood. Based on this observation, this work discusses the importance of Clube Atlético Juventus, a sports association originated in the neighborhood and that defends and propagates the maintenance of traditions and the dissemination of the neighborhood as a working class, in front of the transformations promoted by the process of real estate speculation that mischaracterizes symbols inherent to Mooca, a process that traditional residents of the neighborhood and fans of the football team direct to stop, fearing the oblivion of the working class and Italian origin of the neighborhood.

Keywords: Mooca. Clube Atlético Juventus. Real estate speculation. Verticalization. Localism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estrada de ferro São Paulo Railway.	16
Figura 2 - Delimitação geográfica do distrito da Mooca.	17
Figura 3 - Infográfico que demonstra a diferença do preço do m ² entre as vias situadas próximas à Mooca baixa e ao Alto da Mooca.	19
Figura 4 - Edifício do Cotonifício Rodolfo Crespi, um dos símbolos da Mooca.	22
Figura 5 - A chaminé do complexo industrial da cervejaria Antarctica, um marco da paisagem local.	24
Figura 6 - Fachada externa de um dos edifícios da Lorenzetti, no bairro da Mooca.	26
Figura 7- Fachada do complexo industrial, localizado na Rua Borges de Figueiredo.	27
Figura 8 - Antiga fábrica da Alpargatas Company; atualmente o terreno dá lugar à uma universidade.	28
Figura 9- Chaminé da Companhia União de Refinadores, uma tentativa de conjugar o moderno com a memória local.	38
Figura 10- Chaminé remanescente da antiga refinaria de açúcar União, preservada e revitalizada pela construtora Cyrela.	50
Figura 11- Escudos do Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube, antecessor do Clube Atlético Juventus.	55
Figura 12- Estádio Conde Rodolfo Crespi, na Mooca.	56
Figura 13- Escudo do Clube Atlético Juventus.	57
Figura 14 - Faixa da torcida exalta a raiz operária do time.	60
Figura 15 - Entrada principal do estádio Conde Rodolfo Crespi.	61
Figura 16 - Setor da torcida organizada na Rua Javari.	63
Figura 17- Sede social do Clube Atlético Juventus.	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MOOCA, DO PASSADO INDUSTRIAL AO PRESENTE VERTICAL: OS DIFERENTES MOMENTOS DO BAIRRO NA HISTÓRIA	13
2.1	Da origem ao desenvolvimento no século XIX e XX	13
2.2	A Mooca no contexto da industrialização paulista	14
2.3	O bairro da Mooca no contemporâneo.....	17
2.4	Alto da Mooca x Mooca baixa	18
2.5	Herança industrial no bairro da Mooca	20
2.5.1	Cotonifício Rodolfo Crespi	20
2.5.2	Companhia Antarctica Paulista.....	22
2.5.3	Lorenzetti S.A Indústrias Brasileiras Eletrometalúrgicas.....	24
2.5.4	Grandes Moinhos Minetti Gamba	26
2.5.5	São Paulo Alpargatas Company S.A	27
3	ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA: O PASSADO INDUSTRIAL GRADATIVAMENTE VARRIDO EM NOME DA MODERNIZAÇÃO (OU DA VERTICALIZAÇÃO) DO BAIRRO	29
3.1	Industrialização/Desindustrialização na cidade de São Paulo.....	29
3.2	A atuação da especulação imobiliária na Mooca	31
3.3	A verticalização e a transformação do perfil paisagístico de um bairro tradicional	33
3.4	Novos serviços no bairro – As transformações promovidas na Rua Borges de Figueiredo	34
3.5	Reflexos da verticalização na paisagem urbana da Mooca – A indústria dá lugar à um imponente empreendimento imobiliário	36
3.6	Difusão e alastramento da verticalização na Mooca – dos complexos industriais e das casas geminadas as torres de alto padrão.....	39
3.7	Enobrecimento vertical – uma análise dos empreendimentos imobiliários na Mooca em fase de lançamento ou construção	41

3.8	Consequências da verticalização – a gentrificação	50
4	SUSTENTÁCULO DA TRADIÇÃO DO BAIRRO – O CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS COMO LASTRO DA ITALIANIDADE E SÍMBOLO DE PERTENCIMENTO À MOOCA	53
4.1	Clube Atlético Juventus – o passado industrial, a herança italiana e o sentimento de pertencimento à Mooca unidos em um time de futebol.....	53
4.1.1	As origens do Clube Atlético Juventus	54
4.1.2	Construção da identidade local – A formação da identidade do Clube Atlético Juventus sediado na Mooca	56
4.2	Juventus: um lastro essencial na relação peculiar entre o bairro e seus moradores.....	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
	Apêndice A - Entrevistas	74

1 INTRODUÇÃO

A ideia da pesquisa surgiu da curiosidade de analisar como o bairrismo cultivado pelos moradores do tradicional bairro da Mooca, situado na zona leste da cidade de São Paulo, atua como um escudo em defesa da memória social do bairro, das tradições operárias e da italianidade que permeia o local frente as mudanças promovidas pela disseminação de novos empreendimentos imobiliários que transformam não só a típica paisagem local, herdada da época da industrialização, mas também o perfil populacional do bairro através do fenômeno conhecido como gentrificação. Analisa-se o Clube Atlético Juventus como instituição física que promove e cultua de maneira singular o orgulho de pertencimento local e que se transfigura em um símbolo de resistência ao novo não apenas no futebol, mas para além dos muros do estádio na Rua Javari, exaltando o orgulho mooquense (denominação atribuída aos moradores do bairro) em comércios e residências locais e facilmente perceptível em toda extensão do distrito. Analisa-se também a disseminação de empreendimentos residenciais no bairro na última década e as consequências acarretadas pelo processo de verticalização, como a gentrificação e o risco do esquecimento da memória do bairro, suas origens operárias e imigrantes e suas raízes italianas, em um processo dicotômico onde a tradição é vendida pelos empreendimentos imobiliários ao mesmo tempo em que apagam o passado industrial soterrando a herança arquitetônica deixada pelo período do boom industrial na capital da metrópole, no qual a Mooca teve papel de protagonismo e pioneirismo, alterando, por fim, a dinâmica da paisagem local e afetando diretamente a memória social do bairro, deveras atrelada ao período de sua formação, ao seu passado industrial e operário.

Norteadas pelo capitalismo e sua perspicaz capacidade de moldar o espaço urbano de modo que lhe convém, a especulação imobiliária é um fenômeno de notória magnitude na cidade de São Paulo, tendo sua ação acentuada sobretudo a partir dos anos 2000 e em porções específicas da metrópole. Fator intrinsecamente associado à verticalização, a especulação imobiliária tende a gerar diversos efeitos no espaço geográfico das cidades, formando áreas especializadas em distintas partes, intensificando o uso e a ocupação do solo urbano e, por fim, estimulando a atuação

do mercado imobiliário, processo esse notado em escala macro e mais bem percebido numa escala microrregional, quando tomamos um determinado bairro como objeto de estudo por exemplo.

O seguinte trabalho tem como pretensão analisar as transformações em curso no bairro da Mooca, situado na zona leste da cidade de São Paulo e alvo sistemático da expansão imobiliária nas duas últimas décadas em virtude de seu histórico industrial, analisando a relação paradoxal entre as construtoras e a tradição do bairro, tradição essa vendida e sumariamente destruída/desintegrada pela latente transformação promovida pelo exacerbado processo de verticalização vigente no bairro. Almeja-se analisar o modo como este processo afeta a memória social cultuada pelos moradores de um dos bairros mais bairristas da capital. Para tanto, foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciam o cotidiano do bairro, como moradores e comerciantes, além de frequentadores do Clube Atlético Juventus, entendido neste trabalho como o elemento mais representativo do sentimento de pertencimento à Mooca e símbolo do bairrismo que permeia o distrito. Buscou-se dialogar com diferentes perfis de pessoas, de diferentes idades e ocupações, além de uma estudante de arquitetura e urbanismo e frequentadora assídua do bairro e dos jogos do Clube Atlético Juventus, que expôs sua relação com o bairro e opinou quanto à verticalização propagada no distrito. Foram ouvidos também frequentadores do estádio Conde Rodolfo Crespi, onde o Juventus da Mooca manda seus jogos, visando entender a relação do clube para com o bairro a partir das impressões e vivências dos interpelados. As perguntas elaboradas visaram, sobretudo, extrair a opinião dos entrevistados acerca do processo de verticalização em evolução no bairro da Mooca e das consequências desse processo para a paisagem do bairro, outrora demasiadamente marcada pela arquitetura industrial, em um notório embate entre o antigo e o novo na cidade contemporânea, além da impressão de como isso afeta a memória social do bairro, fortemente ligada ao passado italiano e industrial que tornou o recorte analisado em um símbolo da imigração e do período áureo da industrialização urbana da cidade de São Paulo.

Para compreender os processos em andamento no presente, faz-se necessário, em um primeiro capítulo, analisar o passado do bairro, suas origens e sua formação, averiguando a sua importância para a cidade de São Paulo enquanto o

bairro mais industrializado da metrópole durante o início e boa parte do século XX. Subsequentemente, em um segundo capítulo, verifica-se o processo de verticalização, notório na paisagem sobretudo a partir da última década, analisando os fatores que desencadearam este processo e a sua disseminação no distrito. Foi realizada uma pesquisa de campo para levantar e elencar a quantidade de empreendimentos imobiliários em fase de lançamento e construção nas diferentes porções do bairro, dividido em Mooca baixa e Alto da Mooca, verificando ainda o modo como este processo tem alterado a dinâmica da paisagem do distrito e afetado a memória social dos moradores locais, saudosistas do passado e da história de formação do bairro. Em um terceiro e último capítulo, analisa-se propriamente o Clube Atlético Juventus enquanto elemento propulsor do bairrismo e do sentimento de pertencimento ao bairro. Considera-se aqui o clube de futebol como principal símbolo do bairro e elemento identitário dos moradores, uma vez que o clube remete à Mooca e a Mooca remete ao clube numa relação peculiar. Indissociáveis, o time de futebol faz parte da história, do passado imigrante e industrial do bairro e, portanto, da memória social frequentemente exaltada e cultivada pelos moradores que se apegam ao clube para exaltar o tradicional e resistir a mudanças promovidas no bairro pela especulação imobiliária e pela verticalização que alteram a configuração física e social do bairro, com a chegada de um novo perfil de moradores.

Por fim, apresentam-se as considerações finais a respeito da pesquisa elaborada e, em apêndice, as entrevistas realizadas na íntegra.

2 MOOCA, DO PASSADO INDUSTRIAL AO PRESENTE VERTICAL: OS DIFERENTES MOMENTOS DO BAIRRO NA HISTÓRIA

O bairro da Mooca, localizado na zona leste da cidade de São Paulo, é um tradicional reduto da metrópole que no final do século XIX e decorrer do século XX abrigou diversas indústrias. Foi também um grande receptáculo de imigrantes durante o início dos anos 1900, abrigando, inclusive, a Hospedaria do Imigrante, atual Museu da Imigração e, por seu passado, é até hoje fortemente associado à imigração italiana que contribuiu sobremaneira com o desenvolvimento econômico e social do bairro através do trabalho nas indústrias instaladas na localidade, atribuindo-lhe características peculiares, como uma identidade fortemente associada ao país da bota, notória seja na gastronomia, nas festas típicas ou mesmo no clube de futebol do bairro, fundado por italianos.

2.1 Da origem ao desenvolvimento no século XIX e XX

O bairro da Mooca se configura como um dos mais antigos da cidade de São Paulo, fundado em 17 agosto de 1556 a partir da criação de uma ponte sobre o rio Tamanduateí, ligando o centro à zona leste. Seu território original estruturou-se da segmentação das chácaras e sítios que ocupavam as terras baixas e planas nas várzeas do rio Tamanduateí, ao pé da colina na qual se originou o núcleo colonial da cidade e por onde se abriam os caminhos e estradas que ligavam aquele núcleo ao litoral e ao Rio de Janeiro, caminhos que possibilitaram, a partir do final do século XIX, a implementação das ferrovias e, subsequentemente, das instalações fabris e moradia dos trabalhadores que vendiam sua força de trabalho às indústrias, como veremos adiante.

A partir da transposição do rio Tamanduateí, acelerou-se o adensamento da área que foi gradualmente incorporando-se à cidade (SILVA, 2020). No ano de 1876, um acontecimento importante marcou a história da Mooca: a inauguração do Clube Paulista de Corridas de Cavalo, atual Jockey Club, então situado no sopé das chamadas colinas da Mooca (no mesmo local onde hoje se encontra a Administração

Regional da Mooca). Rafael Paes de Barros (homenageado com o nome em um dos principais logradouros do bairro) foi o responsável por fundar e presidir o clube, que fora construído em terras de sua propriedade, localizadas no bairro da Mooca e que se estendiam até a Vila Prudente e a Vila Alpina, local escolhido porque era até então um ambiente bem situado¹, considerado um bairro excelente para se morar, estereótipo que perdura até os dias atuais como veremos futuramente. Em decorrência disso, um ano depois, para atender a uma demanda dos apaixonados pelo esporte e frequentadores assíduos do clube, foi criada a linha de bonde Mooca-Centro, movida a tração animal e posteriormente substituída por bondes elétricos da São Paulo Railway². Notava-se, portanto, investimentos públicos na região que promoviam a valorização da área naquele momento.

2.2 A Mooca no contexto da industrialização paulista

O desenvolvimento urbano da Mooca está intrinsicamente associado ao legado empresarial italiano, à mão-de-obra imigrante e local no aditamento da indústria brasileira, à história econômica de São Paulo e às rápidas transformações que, nas décadas finais do século XIX e na primeira metade do século XX, fizeram da capital paulistana uma grande metrópole industrial, sofrendo um intenso processo de transformações sociais, econômicas e estruturais. Isso porque em 1868, ocorre a instalação da Ferrovia São Paulo Railway, que embora construída para favorecer a economia cafeeira, coincide com o período de industrialização de São Paulo, fator que contribuiu para o crescimento industrial da cidade, impulsionando de modo ímpar a formação dos bairros industriais de São Paulo, instituídos a partir da conjuntura caracterizada pela implantação da ferrovia e a consequente polarização dos assentamentos industriais urbanos.

Em síntese, o período do boom industrial na cidade de São Paulo compreendido entre o final do século XIX e início do século XX esteve concentrado

¹ Disponível em: <<http://www.portaldamooca.com.br/avenida-paes-de-barros/>>. Acesso em 10 de ago. de 2021.

² Disponível em:<<http://www.portaldamooca.com.br/os-bondes-da-mooca/>>. Acesso em 11 de ago. de 2021.

ao longo das ferrovias e contribuiu sobremaneira na determinação da paisagem de determinados bairros. Conforme Manoela Rossinetti Rufinoni:

“De fato, entre o final do século XIX e início do século XX, a presença da indústria na cidade de São Paulo promoveu a demarcação de territórios precisos e conferiu a determinados bairros paisagens e desenhos característicos da nova atividade. Nessa primeira etapa da industrialização paulistana, as fábricas localizavam-se predominantemente ao longo das vias férreas, regiões então consideradas propícias para as atividades fabris devido à topografia regular, aos baixos preços dos terrenos e às facilidades geradas pelo transporte ferroviário no escoamento e recebimento de produtos” (RUFINONI, 2009).

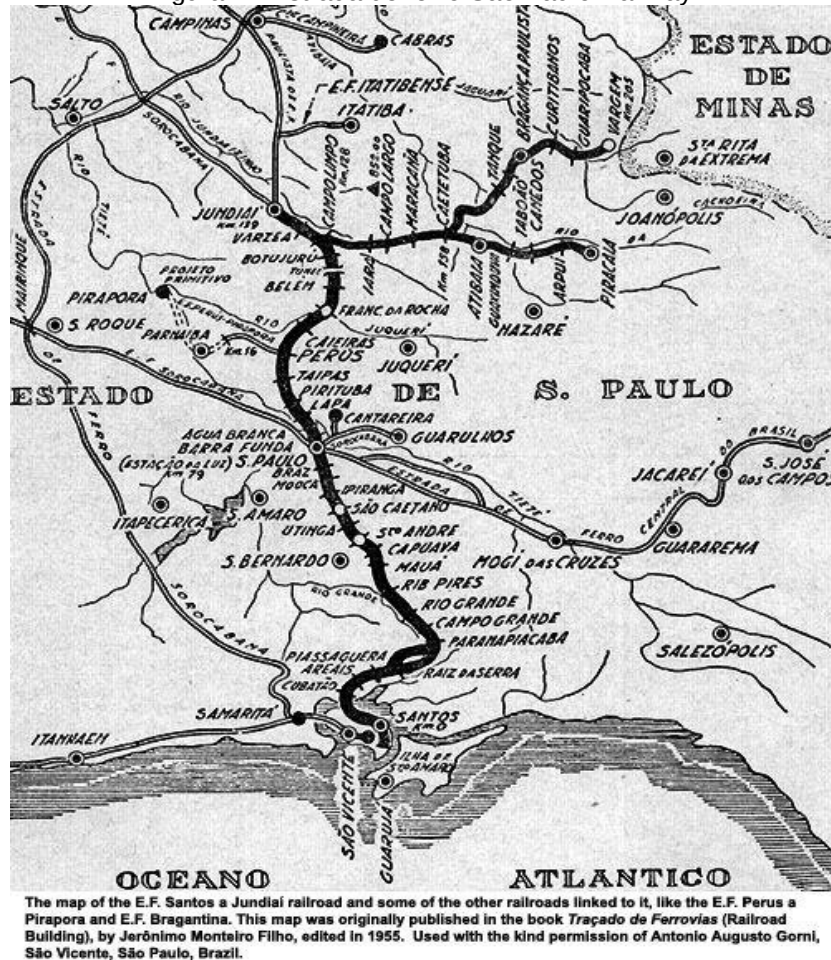
Os locais escolhidos para a implantação da ferrovia eram próximos às várzeas do rio Tamanduateí, em função da topografia plana e do custo acessível dos terrenos, localizados em pontos elevados onde não ocorriam tantas enchentes, como explica Margarida Maria de Andrade:

“A designação além-Tamanduateí leva em conta a situação das terras baixas sobre as quais se edificaram esses bairros, a leste do rio Tamanduateí como, também, da velha São Paulo colonial. Ao longo do século XIX, essas terras compunham o ‘cinturão de chácaras’ (LANGENBUCH, 1971) em torno do modesto núcleo urbano de São Paulo. Entre elas e a cidade, interpunham-se o rio e sua várzea, extensa área de inundação pelo transbordamento do rio na época das chuvas. A várzea, drenada, deu lugar, no começo da década de 1920, ao Parque D. Pedro.” (ANDRADE, 2004).

As ferrovias então arquitetadas para escoar a produção de café dentro do Estado de São Paulo confluíam todas para a capital, transformando as áreas ao longo delas em locais de grande interesse para a instalação industrial, em virtude da desvalorização dos terrenos por conta da localização insalubre e pela facilidade de escoar os produtos. Isso porque o transporte de matérias-primas, de pessoas e de produtos dependia dos trens, o que tornava esses bairros atrativos para a instalação de parques industriais. A partir da construção de linhas férreas, somado ao aumento de capitais resultantes da cultura cafeeira que alavancou a economia paulistana, paralelamente ao aumento populacional em virtude da chegada dos imigrantes ao bairro resultando na insurgência de um mercado consumidor, a região da Mooca, estrategicamente localizada na convergência de duas importantes linhas ferroviárias (Santos-Jundiaí e Central do Brasil, que conecta São Paulo ao Rio de Janeiro), ao lado de bairros como Brás e Belém, se tornaram alguns dos principais polos industriais

paulistanos. Outro aspecto fundamental da inserção da Mooca nesse contexto, como explanado por Rufinoni, foi a topografia regular, atribuída pela localização no fundo do vale do rio Tamanduateí, com grande oferta de terrenos à baixos custos, o que contribuiu para a elevação do distrito à um importantíssimo polo industrial da metrópole paulistana à época.

Figura 1 - Estrada de ferro São Paulo Railway.



Fonte: Pinterest, 2021.

Essas indústrias utilizavam majoritariamente mão-de-obra imigrante que aportava em Santos e era trazida para a Casa da Imigração, atual Museu da Imigração, no bairro da Mooca. Outros já se encontravam no Brasil, e, como precedentemente citado, abandonavam a lavoura cafeeira e rumavam para os centros urbanos em busca de melhores oportunidades nas indústrias locais. Dessa forma, os operários e suas famílias se instalavam nas proximidades de seus empregos e

ajudavam a desenvolver assim o comércio local, de modo que o bairro foi gradativamente se transformando, constituindo-se em um bairro operário, passando assim de um local repleto de chácaras e sítios a um local predominantemente ocupado por fábricas e usinas, além de residências modestas e simplistas (sobretudo sobrados geminados, casebres e cortiços) dos operários que se situavam no local por razões de conveniência geográfica relacionada ao trabalho, como já deslindado.

2.3 O bairro da Mooca no contemporâneo

O distrito pertence à Prefeitura Regional da Mooca, formada ainda pelos distritos da Água Rasa, Brás, Belém, Pari e Tatuapé. A localização estratégica, o IDH elevado, o favorável indicador de segurança pública e a infraestrutura urbana privilegiada fazem da Mooca palco precípuo para a atuação dos interesses do mercado imobiliário.

Figura 2 - Delimitação geográfica do distrito da Mooca.



Fonte: Google Maps, 2021.

Servido pela estação Juventus-Mooca da linha 10 turquesa da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM e pela estação Bresser-Mooca da linha vermelha do Metrô, além de inúmeras linhas de ônibus que atendem o bairro, tornam

a questão da mobilidade urbana um ponto favorável da Mooca. O bairro também é atendido pelo Expresso Tiradentes e vizinho da região do centro velho da cidade de São Paulo, sendo considerado por muitos moradores a “porteira” da zona leste da cidade, o que lhe confere fácil acesso às outras regiões da capital através da Avenida do Estado, da Marginal Tietê e da Avenida 23 de Maio. O transporte alternativo vem ganhando espaço no bairro, sobretudo com a implementação de ciclovias que ligam a região às regiões vizinhas, como o Centro e o Tatuapé.

O distrito da Mooca, considerando mais precisamente a parte do Alto da Mooca, também é reconhecido pelo elevado índice de desenvolvimento humano, o IDH, que sintetiza uma medida padronizada e comparativa do bem-estar de uma população e o tipifica como um dos distritos mais valorizados da cidade de São Paulo³. A infraestrutura do bairro é outro ponto constantemente enaltecido pelas construtoras no intuito de comercializar empreendimentos imobiliários na região. A Mooca conta com uma vasta gama de serviços, shoppings, supermercados, restaurantes em demasia (a gastronomia é um dos destaques da região e uma das principais mantenedoras da tradição italiana no bairro que transcorre de geração em geração), comércios, hospitais, colégios, faculdades e parques. Nas últimas décadas, tem se notado a insurgência de novos serviços, como petshops, salões de cabeleireiro e até arena gamer, como veremos em um capítulo porvindouro.

2.4 Alto da Mooca x Mooca baixa

Há de se salientar, no entanto, a existência de duas realidades distintas dentro da Mooca, representados pela contradição entre a região que engloba o Alto da Mooca, localizado ao sul do bairro, e a região da Mooca baixa, que, basicamente, compreende a Rua Borges Figueiredo, parte da Rua da Mooca e o entorno da linha férrea. O perfil dos moradores de ambas as regiões supracitadas dentro do mesmo bairro denota um abismo social e, subsequentemente, de poder aquisitivo, possível de ser averiguado numa escala micro.

³ Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/29_Dimensoes_IDH-M.pdf>. Acesso em 12 de ago. de 2021.

O Alto da Mooca é de responsabilidade administrativa da subprefeitura da Mooca, enquanto a região da Mooca Baixa, na atualidade considerada como parte do Cambuci, fica sob a responsabilidade administrativa da subprefeitura da Sé (SILVA, 2020). A diferença de classe social entre quem habita as duas porções do distrito é também evidente, uma vez que a parte alta comporta a população mais abastada em edifícios residenciais de alto padrão e a parte mais baixa a classe média e média baixa, comportando inclusive ocupações de movimentos sociais como no caso da antiga fábrica de tecidos Labor. Isso porque a porção baixa do distrito (atualmente considerada Cambuci) sofria no passado com as constantes cheias do rio Tamanduateí, tornando-se uma região subvalorizada após a saída dos grandes complexos indústrias que ali operavam. As duas porções territoriais, no entanto, se assemelham em um ponto comum: são alvos da especulação imobiliária e concentram um elevado número de lançamentos residenciais nas últimas décadas.

Figura 3 - Infográfico que demonstra a diferença do preço do m² entre as vias situadas próximas à Mooca baixa e ao Alto da Mooca.



Fonte: Revista Veja São Paulo, 2020.

O que também se pode averiguar de semelhante nas duas porções do distrito, embora em maior abundância na região da Mooca baixa, é uma inestimável herança

industrial representada por edifícios e galpões que retratam o período áureo da industrialização em terras paulistanas e que resistem na paisagem do bairro apesar das vorazes investidas do mercado imobiliário, como esmiuçaremos em capítulo oportuno.

2.5 Herança industrial no bairro da Mooca

Algumas das principais indústrias paulistanas se alocaram na Mooca e arraigaram-se à Marcos na história do bairro durante o boom industrial da cidade de São Paulo, como o Cotonifício Rodolfo Crespi, a Companhia Antártica Paulista (ambas com edifícios industriais presentes até hoje e que são símbolos do bairro), a Lorenzetti S.A Indústrias Brasileiras Eletrometalúrgicas (em operação até os dias atuais), a Companhia União dos Refinadores – Açúcar e Café, Grandes Moinhos Minetti Gamba, Fábrica de Tecidos Labor e a São Paulo Alpargatas Company (que já não operam ou mesmo não existem fisicamente no distrito por variáveis razões).

2.5.1 Cotonifício Rodolfo Crespi

Um dos prédios mais simbólicos na paisagem da Mooca na atualidade é um legado do período industrial. Com sua peculiar identidade conferida no século XIX e XX por vilas operárias, imigrantes italianos e grandes indústrias, podemos considerar que o ano de 1880 marca o ponto de partida da industrialização do bairro, que foi um dos pioneiros nas indústrias têxteis. A indústria precursora foi o Cotonifício Rodolfo Crespi, inaugurado em 1897, constituindo-se como o primeiro estabelecimento brasileiro de fiação industrial de algodão em grande escala, fundada por Rodolfo Crespi, um imigrante italiano radicado em São Paulo que em 1893 estabeleceu-se na Mooca, que já se consolidava como um tradicional reduto da colônia italiana na capital paulista.

O Cotonifício foi instalado num imponente prédio de três andares, projetado pelo arquiteto italiano Giovanni Battista Bianchi⁴ e localizado na esquina da rua dos Trilhos com a rua Taquari, com fundos para a rua Visconde de Laguna, estando próximo à Hospedaria dos Imigrantes, configurando-se como primeiro local onde os “oriundi” (termo do idioma italiano que remete àqueles que se mudaram do seu país de origem) procuravam trabalho em terras paulistanas, sobretudo em função da empresa oferecer aos trabalhadores benefícios raros à época, como assistência médica e alojamentos a preços acessíveis, bem como uma creche para os filhos dos operários e um campo de futebol, onde em 1924 seria fundado o Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube, rebatizado em 1930 como Clube Atlético Juventus, um dos símbolos da Mooca, cuja história se confunde com a do próprio bairro, como abordaremos subsequentemente, em um capítulo à parte.

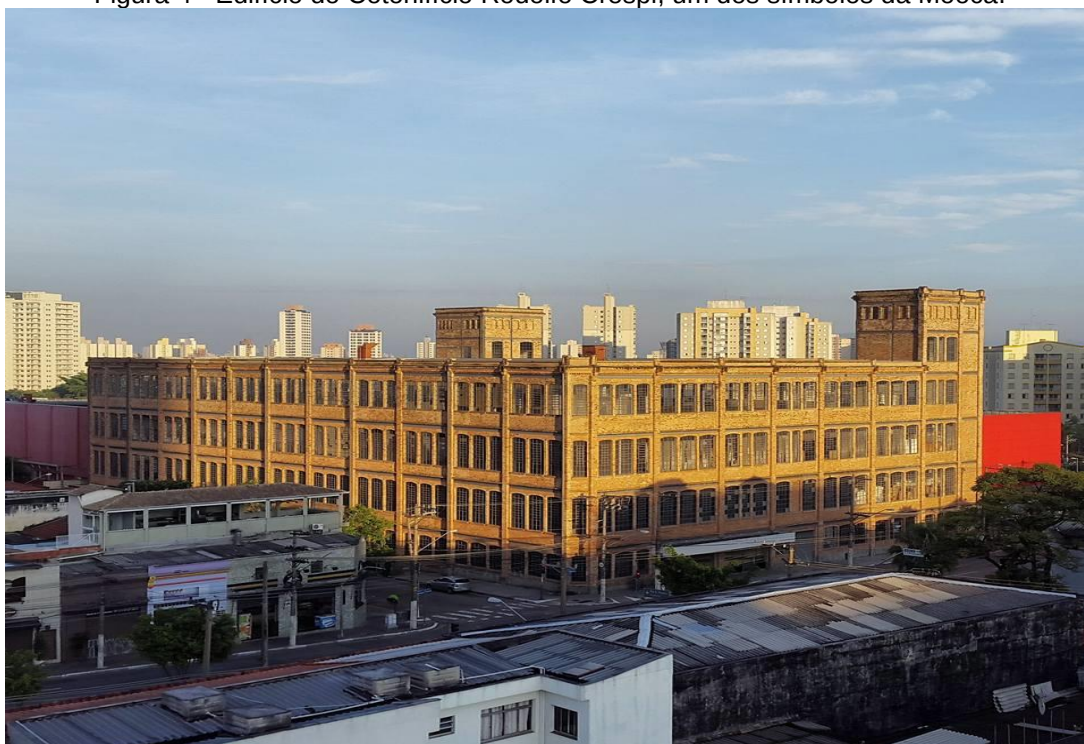
O prédio tornou-se um importante patrimônio cultural dos primórdios da era industrial de São Paulo por conta de sua arquitetura, sendo também um representativo símbolo da própria história da industrialização e de suas relações de trabalho na cidade de São Paulo. Mas nem por isso deixou de se tornar alvo da especulação imobiliária e sua ganância de transformar espaços em lucro. O imponente prédio ainda resiste na paisagem do bairro, mas não mais com sua configuração original. Isso porque o prédio foi alugado no ano de 2003 pelo Grupo Pão de Açúcar para a instalação de uma unidade da rede de hipermercados Extra⁵. Dessa forma, o edifício central do cotonifício, até então abandonado e sofrendo a degradação do tempo, passou a receber um novo uso, em um projeto que à época desencadeou um conflito com a associação de moradores do bairro que viam naquela intervenção um verdadeiro risco de arruinar a edificação projetada pelo italiano Giovanni Battista Bianchi, que simboliza um valoroso patrimônio industrial devido à sua arquitetura e a sua contribuição na própria história da industrialização e relações de trabalho na cidade de São Paulo, sendo o palco de momentos relevantes na história do Brasil, como as primeiras greves operárias realizadas no País, no ano de 1917. Tal embate

⁴ Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=169>>. Acesso em 15 de ago. de 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re1916TombamentoedificacoesAntigaFabricaAntarcticaPDF_1473786946.pdf>. Acesso em 15 de ago. de 2021.

entre a preservação do patrimônio e a modernização do espaço demonstra que a capacidade de modificação do espaço pelo capital financeiro e imobiliário encontra resistência por parte daqueles que prezam pela conservação histórica do bairro e dos aparatos enraizados à história de desenvolvimento do mesmo e de sua formação.

Figura 4 - Edifício do Cottonifício Rodolfo Crespi, um dos símbolos da Mooca.



Fonte: Sampa histórica, 2017.

2.5.2 Companhia Antarctica Paulista

Outra indústria congruente à marcos na história do bairro da Mooca é a Companhia Antarctica Paulista, cujo complexo fabril permanece no bairro e representa um dos símbolos do distrito contemporaneamente. Uma edificação no bairro da Mooca, vizinha a linha férrea e conectada ao rio Tamanduateí que fora inaugurada em 1892 para sediar a Cervejaria Bavária, na atual Avenida Presidente Wilson, passou a ser, a partir de 1920, a sede da Companhia Antarctica Paulista, que exerceu um papel importante na economia brasileira durante o seu período de atividade, entre os anos

1886 e 2000, sendo de suma importância para a Mooca ao empregar milhares de moradores da região⁶.

Com um conjunto de seis edifícios e uma série de construções menores paralelas, engendradas a partir da expansão das atividades econômicas e empresariais e de necessidades administrativas da companhia, o complexo industrial constitui até hoje um imponente marco da industrialização e urbanização paulista.

O significado histórico e cultural da Companhia Antarctica Paulista resultou no tombamento do edifício sede da empresa, que se tornou patrimônio histórico da cidade de São Paulo através da resolução número 19, de 2016, do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, elaborada em reunião no dia 23 de agosto e publicada no diário oficial da cidade no dia 13 de setembro do mesmo ano⁷.

Dentre as razões apontadas para o tombamento, associadas às características arquitetônicas, mas, também, ao seu papel no contexto histórico-cultural da cidade, estão a consideração de que o patrimônio industrial representado pelo edifício reúne “importantes valores históricos, sociais, tecnológicos e arquitetônicos, que são testemunhos das técnicas construtivas tradicionais e dos processos produtivos dos primórdios da industrialização paulista”⁷. Em suma, pode-se considerar que a edificação na região teve papel fundamental na expansão territorial da cidade, na industrialização de terras pouco habitadas e na própria conformação de espaços de São Paulo, como o respectivo bairro da Mooca, que teve sua composição urbana diretamente associada à presença da Antarctica. Muitos imigrantes italianos trabalharam na companhia de cerveja e refrigerante, e muitos que lograram prosperidade financeira também se tornaram acionistas, provavelmente em razão do dinheiro obtido nas lavouras de café, no caso dos imigrantes italianos alocados em São Paulo.

Atualmente, o complexo industrial que outrora abrigou a sede da Companhia Antarctica Paulista encontra-se desativado, haja vista a inépcia do local desde a saída da indústria, que se internacionalizou sob o nome de Ambev e se mudou para a cidade

⁶ Disponível em: < <http://saopauloantiga.com.br/antarctica-paulista/>>. Acesso em 16 ago. de 2021

⁷ Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re1916TombamentoedificacoesAntigaFabricaAntarcticaPDF_1473786946.pdf>. Acesso em 15 de ago. de 2021.

de Jaguariúna, no interior do estado de São Paulo, na última década do século XX⁸. Desse modo, a especulação imobiliária começou a agir sobre o local, visando sua modernização e revalorização, de modo que o complexo fabril foi adquirido em 2020 pela operadora de planos de saúde Prevent Senior, com ambiciosos planos de transformação do uso do local, sem se importar, aparentemente, com a preservação da história que o complexo representa para a história da Mooca e da cidade de São Paulo.

Figura 5 - A chaminé do complexo industrial da cervejaria Antarctica, um marco da paisagem local.



Fonte: Blog Arbo imóveis, 2020.

2.5.3 Lorenzetti S.A Indústrias Brasileiras Eletrometalúrgicas

Diferentemente das indústrias anteriormente citadas, a Lorenzetti segue com suas atividades em operação no bairro até os dias atuais, sendo uma das maiores fábricas em funcionamento do bairro. Localizada em um prédio na avenida Presidente Wilson (onde se encontra também o edifício da Companhia Antarctica Paulista), desde

⁸ Disponível em: < <http://saopauloantiga.com.br/antarctica-paulista/>>. Acesso em 16 ago. de 2021

1923 e onde permanece até hoje, a empresa iniciou as suas atividades contando com apenas quatro funcionários e quatro tornos automáticos, tendo como objetivo a fabricação de parafusos de precisão para várias utilidades.

Também fundada por um imigrante italiano, de nome Alessandro Lorenzetti, o grande marco da empresa foi o pioneirismo na produção de chuveiros elétricos que, seja pela concepção inovadora da época ou pela qualidade até hoje comprovada, conquistou rapidamente a preferência dos consumidores, tornando-se uma verdadeira revolução no comportamento da sociedade, que passou a ter acesso a banho quente e confortável⁹. Passando por gerações de brasileiros e sendo marca referência no produto até os dias atuais, a Lorenzetti realizou investimento em modelos sofisticados e de alta tecnologia que transformaram o chuveiro elétrico no principal produto da empresa a partir da década de 50.

Em atividade hodiernamente, a empresa emprega aproximadamente 3.200 colaboradores, configurando-se como a principal empresa em atividade no bairro da Mooca, sendo a maior metalúrgica da cidade de São Paulo, oferecendo uma ampla linha de produtos que engloba metais sanitários, torneiras plásticas, duchas e aquecedores elétricos de água instantâneos, aquecedores de água a gás, purificadores de água e capacitores eletrolíticos, sendo também a empresa líder em duchas e chuveiros elétricos do mercado brasileiro.

⁹ Disponível em: <<https://www.lorenzetti.com.br/historia-lorenzetti>>. Acesso em 17 de ago. de 2021.

Figura 6 - Fachada externa de um dos edifícios da Lorenzetti, no bairro da Mooca.



Fonte: site da Lorenzetti, 2021.

2.5.4 Grandes Moinhos Minetti Gamba

Os Grandes Moinhos Minetti Gamba constituem um complexo industrial de presença marcante na paisagem urbana do bairro da Mooca, localizado mais precisamente na rua Borges de Figueiredo, e foi de fundamental importância na história industrial da cidade durante grande parte do século XX. As atividades do Moinho tiveram início no ano de 1909, atuando no ramo de produtos alimentícios em função dos investimentos do empresário italiano Egídio Pinotti Gamba, que desenvolveu o local sob a denominação de Casa Gamba & Cia, se juntando, posteriormente, ao Grupo Minetti, em 1934, quando passou a ser denominada Grandes Indústrias Minetti Gamba, abrigando atividades de larga escala industrial¹⁰.

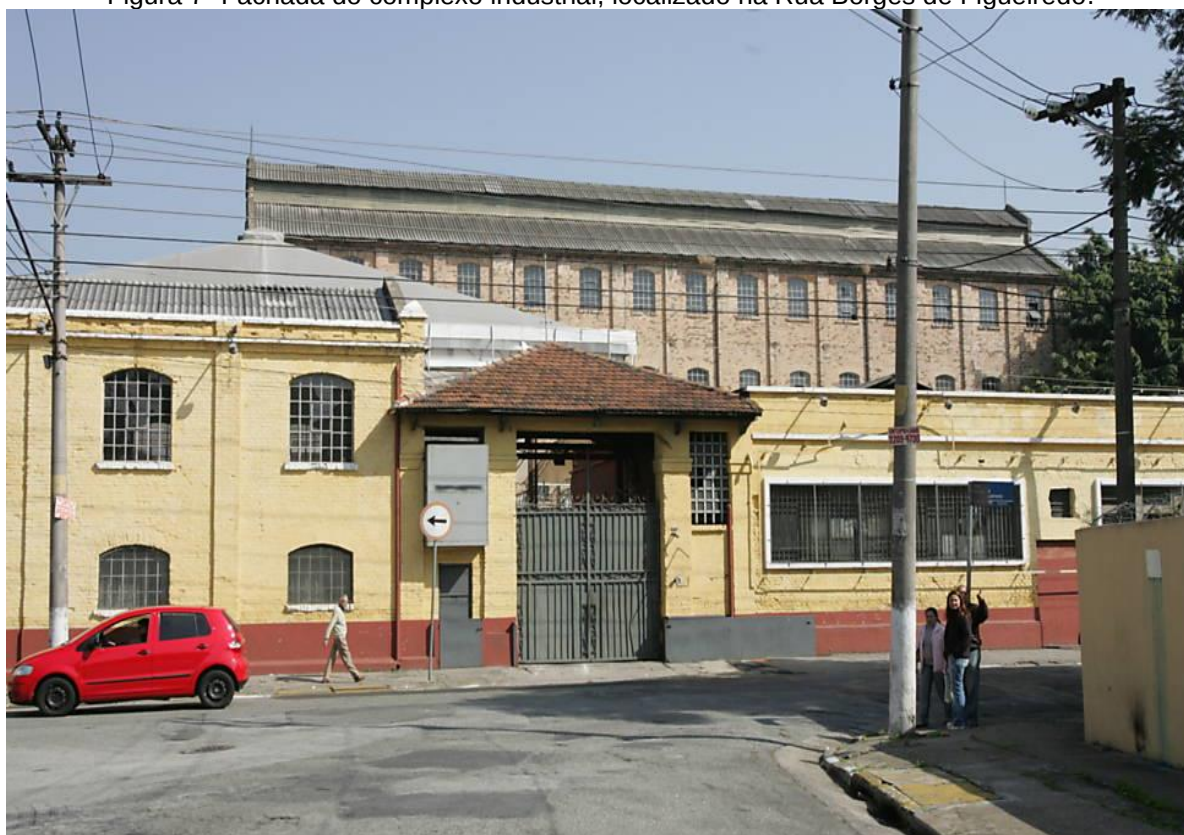
Como o bairro da Mooca já se caracterizava pela presença de uma massiva colônia italiana, grande parte da mão de obra dos Moinhos era constituída por imigrantes oriundos da Itália. Este foi inclusive um dos motivos para a escolha do bairro da Mooca para a instalação de seu negócio, além é claro da conveniência

¹⁰ Disponível em: <<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/conjunto-dos-grandes-moinhos-minetti-gamba/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2021

geográfica, tendo em vista a facilidade de transporte em virtude da proximidade com a ferrovia que servia o bairro.

Com o fim das atividades industriais, atribuíram-se novos usos ao local, desde casa de shows a espaço de eventos. Atualmente, um dos prédios remanescentes do complexo passou a abrigar uma unidade da Faculdade das Américas, denotando um novo uso à clássica edificação, marcante na paisagem urbana do bairro da Mooca e tombada, no ano de 2007, pelo CONDEPHAAT¹⁰.

Figura 7- Fachada do complexo industrial, localizado na Rua Borges de Figueiredo.



Fonte: Folha de São Paulo, 2014.

2.5.5 São Paulo Alpargatas Company S.A

As antigas instalações da fábrica de calçados Alpargatas instalou-se na Mooca em 1907, durante o boom industrial que tomou conta do bairro no início do século XX. O produto que difundiu o conhecimento nacional da marca foi o lançamento das sandálias Havaianas, em 1962, fabricando anteriormente calçados e lonas para cobertura de cargas. A empresa permaneceu no local até 1998, quando vendeu todo

o complexo de edifícios localizado na rua Doutor Almeida Lima para a Universidade Anhembi Morumbi¹¹, que após reformas de adaptação instalou no endereço um campus e um teatro denominado Gamaro.

Figura 8 - Antiga fábrica da Alpargatas Company; atualmente o terreno dá lugar à uma universidade.



Fonte: Site Fashion United, 2019.

As indústrias supracitadas foram cruciais para o desenvolvimento econômico de São Paulo no período compreendido entre o final do século XIX até a segunda metade do século XX. Elas contribuíram sobremaneira na constituição do bairro da Mooca enquanto distrito industrial e operário, elementos identitários que se enraizaram na história do bairro e que deixaram de herança paisagística uma vasta arquitetura industrial que passou a simbolizar o bairro e, assim, distingui-lo dos demais. A especulação imobiliária, todavia, passou a atuar com afinco na região após o processo de esvaziamento e degradação desses complexos, com o propósito de

¹¹ Disponível em: <<https://www.descubrasampa.com.br/2018/11/antiga-alpargatas-atual-universidade-anhembi-morumbi.html>>. Acesso em 22 de ago. de 2021

revitalizar os terrenos que abrigaram essas indústrias e conferir-lhes novos usos, sobretudo através da construção de empreendimentos residenciais que têm se proliferado no bairro precipuamente na última década.

3 ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA: O PASSADO INDUSTRIAL GRADATIVAMENTE VARRIDO EM NOME DA MODERNIZAÇÃO (OU DA VERTICALIZAÇÃO) DO BAIRRO

Se o complexo fabril da Companhia Antarctica Paulista e o prédio do Cotonifício Rodolfo Crespi ainda prevalecem na paisagem da Mooca em meio às transformações paisagísticas do bairro, ditadas sobremaneira pelo interesse do capital financeiro e imobiliário, a mesma sorte não tiveram outros complexos industriais outrora situados na região. Isso porque a especulação imobiliária, que nada mais é que o processo de aquisição de bens imóveis com a finalidade de vendê-los ou alugá-los posteriormente na expectativa de que seu valor de mercado aumente durante o lapso de tempo decorrido (da compra a venda/locação), aliado ao interesse do capital, promulgam voluptuosas transformações no bairro, que nas últimas duas décadas tem se tornado cada vez mais vertical com a chegada de imponentes empreendimentos residenciais à região.

3.1 Industrialização/Desindustrialização na cidade de São Paulo

Para entendermos as contemporâneas transformações espaciais da Mooca temos necessariamente que remontar ao passado e compreender o processo de desindustrialização relativa a alguns bairros e regiões da cidade. Isso porque a região metropolitana de São Paulo concentrou a maior parte da produção industrial brasileira, em virtude sobretudo do capital acumulado com a produção de café e da infraestrutura herdada da época da cultura cafeeira no Estado (como as estradas de ferro precedentemente citadas), fator primordial para alavancar a cidade de São Paulo ao posto de principal cidade do país tanto econômica quanto culturalmente.

Nesse processo, alguns bairros se destacaram, concentrando grande número de indústrias, como é o caso da Mooca, objeto de estudo dessa pesquisa, e de bairros

adjacentes como o Brás, Belenzinho, Água Branca e Barra Funda, constituindo-se como bairros industriais a partir dos primórdios do século XX em função da proximidade com as ferrovias, fator determinante para a instalação de complexos fabris que visavam produzir e escoar a produção por meio do transporte em linhas férreas. A mão-de-obra, outrora escravizada, com a abolição decretada no final do século XIX, passara a ser composta em grande parte por imigrantes, haja vista que muitos vieram ao Brasil em busca de melhores condições financeiras, para trabalhar nas lavouras de café, migrando posteriormente para a cidade, constituindo assim a massa dos trabalhadores da indústria nascente, com destaque para os imigrantes italianos que passaram a habitar esses bairros e conferiram à locais como a Mooca e o Brás uma identidade italiana que se perpetua até os dias atuais.

Com o passar dos anos, a operação das indústrias nesses bairros deixou de ser vantajosa por uma série de motivos, como a alteração no padrão de localização (deixam de se localizar no entorno de ferrovias e passam a se alocar no entorno de grandes áreas urbanizadas). Sandra Lencioni denomina este processo como reestruturação urbano-industrial: “A política de descentralização industrial significou, sobretudo, dispersão abrangendo um raio de cerca de 150 km a partir da capital e, indo além dessa distância ao longo dos principais eixos rodoviários” (LENCIONI, 1991). A desconcentração industrial na capital, segundo Ana Fani Carlos, acompanha a evolução econômica global, caracterizada pela transição do capital industrial para o capital financeiro, em um movimento que promove a industrialização fora das grandes metrópoles (CARLOS, 2009). Em São Paulo, muitas indústrias migraram para regiões próximas ao entorno de importantes rodovias, como a Dutra, que liga os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro e concentra uma enorme gama de complexos industriais em sua extensão, ou mesmo nos arredores de significativas vias, como nas marginais, que possuíam vastos terrenos vagos durante a segunda metade do século XX.

Nesse processo de reestruturação urbano-industrial, bairros como Brás, Belém e Barra Funda passaram a se modificar. Para Ana Fani Carlos, a passagem da industrialização para o capital financeiro inaugura um segundo movimento de urbanização em São Paulo, fundamentada pelo capital financeiro (CARLOS, 2009). A Mooca, que outrora era um dos bairros mais importantes da cidade em virtude da atividade fabril ali existente, com a desindustrialização relativa desencadeada a partir

da segunda metade do século XX e início do século XXI, passa por um processo de abandono e degradação. Isso porque a saída das indústrias acarreta uma série de transformações que originam um terreno fértil para a atuação da especulação imobiliária no bairro.

3.2 A atuação da especulação imobiliária na Mooca

A partir de meados de 1970, a evasão dos parques indústrias para áreas distantes dos centros urbanos por razões logísticas e econômicas suscitou o paulatino abandono dos complexos produtivos mais antigos. Tal debandada empanturrou o distrito da Mooca de terrenos devolutos e vacâncias guarnecidos de infraestrutura e geograficamente bem localizados, próximos a área central da metrópole, permanecendo sob constante expectativa do novo, atributos que o colocam na mira do mercado imobiliário, como ratifica Rufinoni ao afirmar que:

“(...) essas amplas áreas desocupadas ou subutilizadas passaram a representar uma significativa reserva de terreno urbano ocioso e dotado de ampla infraestrutura, uma grande oportunidade para a implementação de novos investimentos imobiliários” (RUFINONI, 2009).

Tais espaços se tornam, invariavelmente, objetos de especulação e transformação, transfigurando-se em possibilidade de ressignificação do espaço, conferindo-lhe nova ocupação do solo e adensamento, mormente sob a égide de especulação imobiliária e, subsequentemente, da verticalização, aspecto contundente em bairros de passado fabril como Brás, Belém e a Mooca, que vem tendo sua paisagem fortemente marcada pela arquitetura industrial descaracterizada, sofrendo modificações na forma de morar e viver. Analisaremos essas transformações promovidas no distrito no presente capítulo.

A especulação imobiliária se consiste na prática de adquirir um imóvel ou terreno a custos baixos na esperança de que o espaço se valorize, visando uma posterior venda a um valor significativamente mais alto do que aquele que foi empregado na compra do espaço, configurando lucro para o especulador. O termo, descrito como vago por Beatriz Bezerra Tone:

“só pode ser entendido se considerarmos que esta especulação tende a ser realizada, seja a partir das denominadas renovações, reestruturações urbanas, seja a partir do aumento dos preços imobiliários tendo por base o endividamento (no mercado de crédito) e subsídios estatais”.

Ainda segundo a autora,

“O que se denomina por especulação se materializa a partir de mecanismos de transferência e privatização de riquezas por relações sociais de exploração e, cada vez mais, de espoliação, em suas formas urbana, imobiliária e financeira.” (TONE, 2015).

Nesse contexto, o bem imóvel em questão permanece com o passar dos anos sem uso nenhum, sem reformas ou construções, apenas especulando e valorizando conforme a medida em que são realizadas melhorias na infraestrutura do entorno ou mesmo melhorias imobiliárias nas proximidades em que o espaço se encontra. Pavimentação, incremento ou implantação de sistemas de transporte, crescimento do comércio e toda atividade que enriqueça o ecossistema de serviços, atraindo mais pessoas e atividades para uma determinada região, aumentam a demanda do espaço e, subsequentemente, o preço dos imóveis nessa região, permitindo ao especulador auferir lucros sem fazer absolutamente nenhum investimento afora o despendido na compra do terreno ou imóvel e sem desempenhar, portanto, nenhum uso do espaço urbano à espera da valorização/lucro.

No caso da metrópole, a desindustrialização é identificável localmente, ou seja, em determinadas porções do território (não é a metrópole como um todo que se desindustrializa, e sim determinadas áreas dela) que tinham a indústria como principal atividade econômica e que deixa de sê-lo, dando espaço a outras atividades, deixando assim o espaço degradado ou em processo de deterioração (PADUA, 2009). No caso específico da Mooca, os terrenos devolutos representam grandes espaços na paisagem de um bairro adjacente à região do centro antigo da capital e distante somente três quilômetros do marco zero da cidade, se tornando, portanto, muito cobiçada pelo mercado imobiliário.

Intervenções estatais no bairro, como o rebaixamento da calha do rio Tamanduateí, na segunda metade do século XX, aliado a intervenções privadas promoveram uma valorização do bairro que se traduziu em lucro para os

especuladores que adquiriram os terrenos desabitados deixados pela desindustrialização na Mooca. Dessa forma, o mercado imobiliário passou a atuar com veemência no bairro, lançando inúmeros empreendimentos que mudaram de maneira radical a paisagem outrora fabril e de predominância de casas geminadas no bairro. Com a construção demasiada de torres residenciais, sobretudo na última década, a dinâmica do bairro mudou, e a vida dos antigos moradores também. O fenômeno da verticalização entrou em cena no distrito e passou a dar a tônica da paisagem, modificando o perfil paisagístico da região e, paulatinamente, transformando também o perfil habitacional do bairro.

3.3 A verticalização e a transformação do perfil paisagístico de um bairro tradicional

Entra em questão um dos objetos de análise a qual se propõe esse trabalho: a preservação da memória social da Mooca associada à identidade fabril, operária e imigrante do bairro, visceralmente ligada à italianidade, uma marcante característica do distrito, frente às metamorfoses desencadeadas e respaldadas pelas grandes construtoras, que com a edificação de imponentes empreendimentos imobiliários nessas áreas que outrora abrigaram indústrias, criam verdadeiros enclaves fortificados que muitas vezes renunciam a dinâmica urbana do local em que estão inseridos, como afirma Rufinoni quando diz que:

“Esses edifícios e sítios têm sido destruídos com grande rapidez para ceder espaço a novas obras construídas segundo visões projetuais restrita e até mesmo tacanhas. São raras as reflexões de projeto que buscam uma ocupação diferenciada, um diálogo com o preexistente ou que integram as características peculiares do bairro como uma importante condicionante de partido. Pelo contrário, todos os bairros da cidade são construídos segundo o mesmo padrão e as mesmas estratégias de venda.” (RUFINONI, 2009).

Esse movimento toma uma singularidade ímpar no caso da Mooca, no qual se emprega um filtro que suprime, fisicamente, a herança de um passado operário e fabril representado pela arquitetura industrial remanescente no distrito, sem se dissociar, todavia, da identidade italiana do bairro, por vezes vendida pelas construtoras em uma dinâmica contraditória que tenta dissociar fatos interligados no passado e reiterados

na memória dos moradores locais (passado industrial, impelido mormente no bairro pelos imigrantes italianos) com vistas à valorização e a divulgação do novo no bairro.

3.4 Novos serviços no bairro – As transformações promovidas na Rua Borges de Figueiredo

A chegada da verticalização ao bairro impulsionou modificações estruturais na Mooca como um todo. Novos serviços, voltados ao novo público que passa a habitar o bairro, surgiram e continuam surgindo, sobretudo a partir da última década até a contemporaneidade.

O tecido urbano compreendido pela Rua Borges de Figueiredo (um importante logradouro do bairro que liga a rua da Mooca ao viaduto São Carlos) e suas adjacências (que compreendem, dentre outros marcos do bairro, a estação Juventus-Mooca da CPTM) revelam de forma singular as transformações em curso no bairro e a coexistência do passado industrial com a chegada do novo na região, simbolizando bem as transmutações acarretadas pela verticalização na Mooca como um todo. O endereço, no século passado, abrigou diversos armazéns e indústrias, como o Moinho Minetti Gamba, A Companhia União de Refinadores, as Indústrias Matarazzo, a empresa de tinturaria Artec e a fábrica de biscoitos Duchen.

Parte dos edifícios e armazéns industriais resistem as transformações promovidas pelo interesse do capital e a intensa movimentação imobiliária na região. É o caso dos Edifícios Industriais da Rua Borges de Figueiredo, também conhecido como indústrias reunidas Francisco Matarazzo, cia Fiat Lux e fábrica de biscoitos Duchen, que são reconhecidos como marco inicial no processo de industrialização da cidade de São Paulo e determinante na formação do bairro da Mooca¹². Construídos em uma disponibilidade sequencial, eles formam uma ambientação que conferem ao logradouro uma marcante identidade fabril que outrora fora preeminente na Mooca. Apesar de não passarem ilesos pela ganância do mercado imobiliário, parte dos

¹² Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20170425122059/http://patrimoniohistorico.prefeitura.sp.gov.br/conheca-mais-o-bairro-da-mooca-patrimonio-industrial-gastronomia-e-musica/>> . Acesso em 21 de ago. de 2021.

galpões, atualmente tombados pelo CONPRESP¹³, em virtude da reivindicação da população local pela preservação do conjunto arquitetônico, perduram na paisagem em sua configuração original, o que demonstra resistência por parte dos habitantes do bairro às transformações promovidas pelo capital enquanto agente hegemônico na reformulação da paisagem local.

A verticalização do bairro, no entanto, trouxe novos serviços à Mooca. No próprio logradouro em análise, foi instalada recentemente uma unidade da Faculdade das Américas – FAM. Denominado como Campus Moinho, o polo educacional habita o espaço que outrora fora ocupado pelos Grandes Moinhos Minetti Gamba, um antigo complexo industrial que tem presença marcante na paisagem urbana do bairro da Mooca, sendo um patrimônio tombado e considerado um bem arquitetônico da região por constituir uma marca do início da industrialização de São Paulo¹⁴. A instalação da faculdade no prédio industrial, que teve suas atividades fabris até 1960 e posteriormente passou a abrigar eventos após décadas fechado, demonstra uma tendência de atribuição de novos usos aos complexos industriais que resistiram à deterioração e subsequente demolição, passando a abrigar serviços voltados ao novo público que passa a habitar o bairro a partir do vertiginoso processo de verticalização da região, notado, mormente, a partir da última década.

Processo semelhante ocorreu com o supracitado Cotonifício Rodolfo Crespi. O complexo foi adquirido em 2003 pelo Grupo Pão de Açúcar que instalou no local uma unidade do supermercado Extra, desconfigurando parte da arquitetura original do prédio em um episódio que gerou revolta nos moradores locais e culminou no tombamento do edifício após a luta pela preservação do local por parte dos moradores do bairro⁴. O projeto foi então readaptado e o supermercado manteve parte significativa da estrutura do edifício, atribuindo-lhe um novo uso, em um perceptível exemplo de coexistência entre o novo e o antigo, o tradicional e o moderno.

A rua Borges de Figueiredo recebeu também uma moderna arena esportiva denominada Ibrachina Arena, cujo complexo possui um campo de futebol de tamanho

¹³ Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/8b69c_14_T_Galpoes_da_Mooca.pdf>. Acesso em 24 de ago. de 2021.

¹⁴ Disponível em: <<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/conjunto-dos-grandes-moinhos-minetti-gamba/>>. Acesso em: 01 de set. de 2021.

oficial certificado pela FIFA¹⁵. Com a construção da arena, o bairro da Mooca passou a contar com mais uma alternativa de lazer e esportes, opções até então restritas somente ao Clube Atlético Juventus, tradicionalíssimo no bairro. As opções gastronômicas também se diversificaram, abrangendo não apenas a culinária italiana representada por famosos estabelecimentos presentes no distrito. Localizado também na rua Borges de Figueiredo, o restaurante Hospedaria, cujo cardápio é inspirado na receita de imigrantes que outrora habitaram o bairro, une de maneira representativa o passado da Mooca ao novo no tocante à gastronomia. A construção da MAX Arena, um espaço gamer no bairro, denota a intenção de se atingir um público-alvo diferenciado, composto por jovens e adultos adeptos aos jogos online, bem como diversas barbearias modernas que concorrem com algumas tradicionais do bairro.

Não são apenas algumas edificações industriais que resistem às transformações promovidas no bairro. Na rua Borges de Figueiredo coexistem com os novos serviços os antigos. É o caso da Di Cunto, tradicional casa de doces italianos fundada em 1896 e em operação até os dias atuais, sendo a mais antiga fabricante de panetones no Brasil, clássica receita das festas de fim de ano de origem italiana¹⁶. Sua história simboliza o perfeito elo entre a imigração italiana e a manutenção da italianidade na Mooca, sendo um dos poucos símbolos gastronômicos remanescentes do período áureo da industrialização no bairro, na primeira metade do século XX.

3.5 Reflexos da verticalização na paisagem urbana da Mooca – A indústria dá lugar à um imponente empreendimento imobiliário

Se o antigo complexo industrial dos Grandes Moinhos Minetti Gamba ganhou novo significado de uso com a preservação da arquitetura original em virtude do tombamento, mesma sorte não teve o complexo industrial da Companhia União de Refinadores – Açúcar e Café, localizado também na rua Borges de Figueiredo. Nesse caso, o interesse do capital financeiro aliado a voracidade do mercado imobiliário levou ao chão e ao esquecimento uma importante edificação industrial em prol da

¹⁵Disponível em: <<https://ibrachinaarena.com.br/>>. Acesso em: 01 de set. de 2021

¹⁶ Disponível em: <<http://www.portaldamooca.com.br/familia-di-cunto/>>. Acesso em: 01 de set. de 2021.

verticalização. Trata-se da construção do empreendimento imobiliário de alto padrão Portale Mattino - Luzes da Mooca, iniciado no começo de 2010, que evidencia a substituição do passado industrial pelos enclaves fortificados na Mooca.

A exemplo da Lorenzetti e do Cotonifício Rodolfo Crespi, a Companhia União dos Refinadores – Açúcar e Café foi também uma indústria fundada por imigrantes italianos, mais precisamente pelos irmãos Giuseppe e Nicola Puglisi Carbone¹⁷. Pensando em desenvolver o comércio de açúcar diante das oportunidades oferecidas pelo cenário brasileiro, os irmãos italianos observaram na concorrência, representada pelos pequenos refinadores de São Paulo, a oportunidade de propor uma convergência harmoniosa entre todos no intuito de formar uma única companhia, desenvolvendo um produto de alta qualidade com vistas a tornar o comércio de açúcar mais lucrativo na região, originando, assim, em 1910, a companhia de refino de açúcar batizada de União, que difundiu na sociedade o hábito de consumir açúcar que atravessa gerações.

Ao longo de uma história centenária, a refinaria acabou sendo adquirida por diferentes proprietários, como pela Copersucar (Cooperativa de Produtores de Cana, Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo), em 1973, que em 2005 vendeu a marca para a Novamérica e, finalmente, pela Cosan em 2009. Em 2012 a empresa foi adquirida pela Camil, atual detentora de seus produtos¹⁸.

A filial na Mooca, que ficava instalada entre as ruas Borges de Figueiredo, Guaratinguetá e João Antônio de Oliveira, foi desativada em 2006 e adquirida pela construtora Cyrela em 2009. Em 2012, os edifícios foram demolidos para a construção de um empreendimento imobiliário denominado Portale Mattino - Luzes da Mooca, concluído no ano de 2014.

¹⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/o-melhor-de-sao-paulo/restaurantes-bares-e-cozinha/2016/06/1784619-depois-de-unir-refinadores-de-sp-no-seculo-20-uniao-conquista-preferencia-paulistana.shtml>>. Acesso em: 02 de set. de 2021

¹⁸ Disponível em: <<http://jornaldamooca.com.br/Publicacao.aspx?id=52628>>. Acesso em: 02 de set. de 2021

Figura 9 - Chaminé da Companhia União de Refinadores, uma tentativa de conjugar o moderno com a memória local.



Fonte: Portal da Mooca, 2020.

Única remanescente do complexo industrial que outrora foi sede da Refinaria União, a chaminé nos remete ao processo de transformação do bairro, no qual galpões, armazéns e edifícios de arquitetura peculiar que sediavam indústrias sucumbem para dar lugar a novos empreendimentos imobiliários, simbolizando um processo de verticalização latente e notória que confere um ar de modernidade há um dos antigos polos industriais da cidade de São Paulo, o bairro da Mooca. É a representação autêntica de um embate entre o passado do bairro e a modernização do local. A chaminé foi, portanto, o que restou do antigo complexo industrial, que não tombado como patrimônio acabou assolado pela desenfreada busca do lucro imobiliário.

3.6 Difusão e alastramento da verticalização na Mooca – dos complexos industriais e das casas geminadas as torres de alto padrão

Fortemente caracterizados pelo passado industrial, bairros como a Mooca, o Brás, e o Belém possuem, invariavelmente, uma porção de espaços remanescentes do processo de desindustrialização urbana, representando significativas parcelas do território que foram esvaziadas constituindo, desde o último decênio do século passado até a contemporaneidade, o cenário de intervenções urbanas de revitalização e revalorização, sendo redesenhados por interposições conferidas mormente pela municipalidade em conjunto com o mercado imobiliário, em um processo no qual o setor privado passa a dar a tônica na definição das novas características a serem atribuídas a esse local, movimento que remete ao debate entre a permanência da memória industrial e as adequações às novas demandas instauradas pelo interesse do capital financeiro em conjunto com a ação do mercado imobiliário.

Aproveitando-se das benfeitorias inerentes ao distrito e dos grandes terrenos deixados pelas indústrias que abandonaram o bairro visando vantagens logísticas já não existentes com a operação no espaço urbano da cidade (CARLOS, 2009), grandes construtoras passaram a enxergar no distrito da Mooca uma oportunidade ímpar de localização para o lançamento de seus produtos imobiliários, sobretudo de alto padrão (mormente na porção do Alto da Mooca), mas também com diversos lançamentos direcionados ao público de classe média. Esse movimento de tendência à verticalização acontece desde os anos 2000, mas ganhou notoriedade na última década, não só no nosso objeto de análise, que é o bairro da Mooca, mas na cidade de São Paulo como um todo. Cada vez mais é perceptível canteiros de obras anunciando o lançamento de um novo empreendimento imobiliário no município de São Paulo, seja na zona oeste, na zona norte, na zona sul ou na zona leste. No caso da Mooca, a especificidade de se tratar de uma região próxima ao centro antigo da cidade, na qual ainda existem grandes terrenos desocupados em virtude do período da desindustrialização, tornaram a região alvo sistemático da atuação do mercado imobiliário. Denota-se, no bairro, a peculiaridade da destruição de arquiteturas industriais em prol da construção de empreendimentos cunhados por Teresa Caldeira

como enclaves fortificados, que passam a dar a tônica na paisagem de um local charmoso por seus edifícios industriais e chaminés e intrinsecamente ligado ao período áureo da industrialização no imaginário paulistano. Desse modo, os enclaves são:

“propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem regras de inclusão e exclusão.” (CALDEIRA, 2000).

Em síntese, temos o passado industrial assolado em nome da modernização simbolizada pelas grandes torres residenciais construídas e massivamente divulgadas por grandes construtoras que atuam na região.

Principal mola propulsora da ressignificação do espaço urbano na Mooca, a atuação do mercado imobiliário estimula a chegada de um novo público à região, modificando o perfil habitacional dos moradores e promovendo a reocupação de áreas, através de novos usos (nesse caso, social) em uma região dotada de infraestrutura urbana e serviços, através do lançamento de inúmeros empreendimentos imobiliários que se propagam incessantemente no distrito, sobretudo a partir da última década, fazendo da Mooca o palco de uma abundante verticalização escorada no boom imobiliário e amparada nas políticas municipais de estímulo de revalorização do centro que acicatam o mercado imobiliário, em um processo no qual o capital financeiro e imobiliário em ação conjunta designam os novos usos que se pretende atribuir ao local através da construção de complexos residenciais nos moldes capitalistas. Grandes construtoras como a Cyrela, a EZTEC, Tegra, Tecnisa e a Diálogo passaram a difundir, no recorte aqui estudado, novos produtos imobiliários, modificando a paisagem do recinto ao ocupar e produzir novos espaços, intensificando assim o uso e o espaço do solo urbano. Nas duas últimas décadas do século XXI, o processo de verticalização tem atribuído uma nova identidade paisagística ao distrito, anteriormente caracterizado pelo grande número de galpões e edifícios industriais. Desse modo, podemos perceber que o bairro assiste ao desenvolvimento vertical que remodela a paisagem urbana, em um processo em

que a Mooca perde patrimônios históricos representativos do passado industrial não somente do distrito, mas da cidade de São Paulo como um todo.

3.7 Enobrecimento vertical – uma análise dos empreendimentos imobiliários na Mooca em fase de lançamento ou construção

No distrito da Mooca, denota-se uma grande existência de empreendimentos que ofertam de 3 a 4 dormitórios por unidade, o que sinaliza uma produção voltada para a população de alta renda, haja vista que o número de dormitórios está intrinsicamente ligado à área útil das unidades. Transitando pelo distrito, é possível observar a presença desses produtos imobiliários e de futuros lançamentos de metragem avantajada sobretudo na área do Parque da Mooca e no Alto da Mooca. Abaixo, seguem alguns desses empreendimentos, em fase de lançamento ou construção, averiguados durante a pesquisa de campo.

- High Mooca – Diálogo Construtora Engenharia

Situado na Rua Madre de Deus, altura do número 1474 da região do Alto da Mooca, o High Mooca é um empreendimento imobiliário da Diálogo Engenharia, que se enquadra na linha High Class da construtora, segmento de empreendimentos de alto padrão, projetados com acabamentos diferenciados, sofisticados e exclusivos de acordo com informações encontradas no site de divulgação do produto imobiliário. O empreendimento, de torre única, encontra-se em estágio de construção e conta com unidades que variam de 3 a 4 dormitórios com até três suítes, e com quatro opções de metragens, sendo elas 129m², 159m², 254m² e coberturas de 320m², além de duas vagas de garagem. No site da construtora Diálogo Engenharia, o empreendimento é descrito como uma alternativa para quem quer “viver em meio a tradição, mas não abre mão das melhores comodidades”¹⁹. É, portanto, um investimento voltado para classe média alta, com as unidades saindo por mais de um milhão e trezentos mil reais (segundo contato feito com corretor em setembro de 2021), a exemplo de grande

¹⁹ Disponível em: <<https://www.dialogo.com.br/imoveis/mooca/apartamentos/high-mooca>>. Acesso em: 05 de set. de 2021

parte dos produtos lançados ou em fase de construção nessa região do distrito, como veremos nos exemplos que seguem.

- Eredità Parque da Mooca – EZTEC Empreendimentos e Participações S/A

Localizado na Rua Barão de Monte Santo, altura do número 1280, na travessa com a Rua Dianópolis, o Eredità Parque da Mooca é um empreendimento imobiliário de autoria da EZTEC Empreendimentos que consta entre os projetos de alto padrão dentre o portfólio de lançamentos do grupo²⁰. O empreendimento encontra-se em fase de construção e é constituído por três torres de nove andares cada uma, concebendo um enclave fortificado que a empresa denomina “Villagio Club”, oferecendo ampla gama de lazer, comodidade e infraestrutura. As unidades ofertadas são de 92m² ou 130m², possuindo de 3 a 4 dormitórios e duas vagas de garagem, voltadas, evidentemente, para o público de alta renda. No site de vendas da construtora, denota-se o enaltecimento a tradição italiana do distrito da Mooca, destacando-se frases que visam estabelecer uma conexão entre o passado e o futuro do bairro, como por exemplo a encontrada na descrição de venda do empreendimento: “Na Mooca há sempre um encontro. A essência do passado e o presente urbano interagem a cada esquina. A convergência da tradição dos imigrantes italianos com os desejos cosmopolitas fiéis ao bairro.”²¹. Com apenas 136 unidades e um terreno com mais de 5.700m², o empreendimento diferencia-se dos demais por zelar pelo conforto e comodidade dos seus moradores, dada a proximidade com pontos estratégicos do distrito, como o Mooca Plaza Shopping. O site enaltece também comércios e serviços locais como o Clube Atlético Juventus e a Confeitaria Di Cunto, fundamentais para a elevação da memória e tradicionalismo italiano da Mooca.

²⁰ Disponível em: <<http://www.wdsconstrutora.com.br/lancamentos-imobiliarios--patio-mooca-zona-leste-sp-apartamentos-de-alto-padrao-em-construcao-1238.html>>. Acesso em: 07 de set. de 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.eztec.com.br/imovel/eredita-parque-da-mooca/?utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=eredita&utm_term=institucional&gclid=Cj0KCQjwmuiTBhDoARIsAPiv6L_ZqScnf56noDx0gVnCXfv0hkHFOulq3_GAZSI7PadzIJqZuqWxhp4aAgJgEALw_wcB>. Acesso em: 07 de set. de 2021.

- Pátio Mooca – WDS Construtora

Situado na Rua Ibitinga, na altura do número 263, na região do Alto da Mooca, o Pátio Mooca é um empreendimento imobiliário de responsabilidade da WDS Construtora. A exemplo do High Mooca, o empreendimento é constituído de uma torre única e encontra-se em estágio de conclusão, com 100% das unidades já vendidas de acordo com o site da empresa²². O edifício conta com unidades que variam de 3 a 4 dormitórios, com duas ou três suítes e com uma única opção de metragem, de 134m². É um residencial de alto padrão, cujas unidades não saem por menos de R\$1.200.000,00, voltado, portanto, para um público de elevado perfil econômico. Seu diferencial consta no número de vagas de garagem, que variam de três a quatro a depender da unidade adquirida. A exemplo dos empreendimentos anteriormente citados, o residencial também exalta a tradição italiana do bairro, empregando as cores da bandeira italiana no logotipo comercial do empreendimento. A obra foi recentemente concluída e já disponibilizada para a chegada dos moradores.

- Auguri Mooca – Tecnisa Construtora

Localizado na Rua Itabaiana, na altura do número 639, o Auguri Mooca é um lançamento imobiliário da Tecnisa Construtora no distrito da Mooca. O projeto prevê a construção de uma única torre de dez andares, com unidades que possuem de 3 a 4 dormitórios, com a opção de 3 ou 4 suítes e metragens de 152m² a 179m² e duas ou três vagas de garagem a depender da unidade adquirida²³. O nome do empreendimento remete às tradições italianas da Mooca, pois significa “muitas felicidades”, quando traduzido literalmente para o idioma de Dante. Em seu site de vendas, a Tecnisa também enaltece o distrito da Mooca ao descrever o orgulho que os moradores do local sentem:

²² Disponível em: <<http://www.wdsconstrutora.com.br/lancamentos-imobiliarios--patio-mooca-zona-leste-sp-apartamentos-de-alto-padrao-em-construcao-1238.html>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

²³ Disponível em: <https://www.tecnisa.com.br/imoveis/sp/sao-paulo/apartamentos/auguri/268?gclid=Cj0KCQjwmuiTBhDoARIsAPiv6L-Izfz2Hx4DZ9Ilb3bdrBeqBCp2sKStTp_KWzID-01FQo5sYkNSj64aAugXEALw_wcB>. Acesso em: 01 de out. de 2021

“Quem mora no bairro da Mooca se orgulha tanto do endereço, que antes de paulistano, se considera um mooquense. E a paixão é levada a sério, tanto que o bairro tem bandeira própria e até hino. Tanto orgulho vem do fato de que o bairro, localizado na zona leste de São Paulo, abrigou as primeiras indústrias e milhares de imigrantes italianos.” (TECNISA, 2021).

- Massimo Parque da Mooca – Tallento Construtora

Situado na Rua Vicente Romano, na altura do número 168, na região do Parque da Mooca, o Massimo Parque da Mooca é um produto de autoria da Tallento Construtora que se encontra em fase de lançamento. Empreendimento de alto padrão, o projeto prevê uma única torre com apartamentos na metragem modelo de 116,5m² com 3 dormitórios, com opção de duas ou três suítes e três vagas de garagem por unidade e depósito privativo²⁴. No site oficial de divulgação do empreendimento, a construtora exalta o processo de verticalização da Mooca e reverencia alguns símbolos tradicionais do bairro, como o Clube Atlético Juventus e a gastronomia italiana local, sustentada pela ampla gama de restaurantes típicos da região, salientando que morar na Mooca é “respirar sua história e fazer parte de uma vizinhança tamanho família”.

- Galleria Mooca – Cyrela

Situado na Rua Chamantá, na altura do número 1227, o Galleria Mooca é um empreendimento imobiliário da construtora Cyrela, uma das primeiras a investir no distrito da Mooca e, subsequentemente, uma das que mais possui metros construídos na região. O projeto prevê uma única torre em um terreno de mais de 5.500m², com unidades que possuem 4 dormitórios e opção de até 3 suítes, com opções de metragem de 210m² ou 345m², além de três vagas de garagem por unidade. É mais um projeto de alto padrão da construtora para o distrito da Mooca, que muito atuante na região já conta com uma vasta gama de empreendimentos concluídos, como o Vitale Mooca, em torre única situado na Rua Celso de Azevedo Marques, que conta com apartamentos de 184m² e cobertura duplex de 346m², incluído 3

²⁴ Disponível em:

https://massimoparquedamooca.com.br/?gclid=CjwKCAjwve2TBhByEiwAaktM1Km1g0EPcm0MNRFL9zIX4KoGnfl8FXQwt_7g6mGj3n89RWZ4LxpIIXoC164QAvD_BwE. Acesso em: 25 de out. de 2021.

ou 4 vagas de garagem²⁵; o Portale Mattino - Luzes da Mooca, construído com base na arquitetura europeia no terreno que outrora abrigara o complexo fabril da refinaria de açúcar União, com apartamentos de 2 a 3 dormitórios e opções de metragem que variam de 82m² a 108m²; e o Nova Mooca All Included, situado na Rua Marquês de Valença, na altura do número 369, com apartamentos de 2 e 3 dormitórios e metragens de 61m² a 92m².

- Living Duet Mooca – Living Construtora

Posicionado na Rua São Nicácio, na altura do número 136, o Living Duet Mooca é um produto da Living Construtora que se encontra em fase de lançamento. O projeto prevê a construção uma única torre com apartamentos de 2 ou 4 dormitórios e de uma a três suítes, com metragens que variam de 68m² a 126m², e a opção de uma ou duas vagas de garagem por unidade²⁶. É um empreendimento voltado para a classe média e classe média alta, denotando uma das características de atuação de mercado da Living que busca abranger um público mais amplo em seus lançamentos imobiliários. A construtora promete, em seu site oficial, a construção de um projeto com requinte italiano.

- The Place Home Paes de Barros – Diálogo Construtora

Localizado em um dos principais logradouros da Mooca, a Avenida Paes de Barros, o The Place Home é um empreendimento imobiliário de responsabilidade da Diálogo Construtora que se encontra em estágio de conclusão. O projeto prevê a construção de uma única torre, com plantas de 70m², 75m², 79m² e 91m², todos com terraço gourmet, com opção de 2 ou 3 dormitórios com uma suíte por unidade e direito a uma vaga de garagem²⁷. É um produto voltado para um público de perfil econômico

²⁵ Disponível em: <<https://www.meuliving.com.br/imovel/living-duett-mooca-apartamento-mooca-zona-leste-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

²⁶ Disponível em: <<https://www.meuliving.com.br/imovel/living-duett-mooca-apartamento-mooca-zona-leste-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.

²⁷ Disponível em: <https://www.dialogo.com.br/imoveis/mooca/apartamentos/the-place?utm_source=uselink&utm_medium=search&utm_campaign=the_place&gclid=CjwKCAjwve2TBhByEiwAaktM1BKk2aXCS5GkOXwC8F-OVaUA5Mj0YG1XYoAlxdMprY8JkYsxKOsk7hoCtngQAvD_BwE>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.

híbrido, abrangendo a classe média e a classe média alta. Em seu site, denota-se o enaltecimento das vantagens de se morar em um bairro residencial e tradicional, com fácil acesso à serviços, comércio e à região do Centro antigo de São Paulo.

- TEG Mooca – Tegra Incorporadora

Localizado na Rua Frei Gaspar, na altura do número 220, região da Mooca baixa, o TEG Mooca é um produto imobiliário da Tegra Incorporadora em estágio de lançamento. O projeto vaticina a construção de uma torre única com apartamentos de 2 a 3 dormitórios com uma suíte e terraço, distribuídos em metragens que variam entre 54m² e 67m², com direito a uma vaga de garagem, além de lazer completo, com piscina playground, quadra recreativa, pet place, salão de festas e afins²⁸. De maneira oposta aos empreendimentos anteriormente citados, o produto da Tegra não é voltado para o público de perfil econômico elevado, mas sim, de modo geral, para famílias de classe média que visam usufruir da infraestrutura e privilégios que o distrito da Mooca pode oferecer.

- Lets' Cassandoca – Econ Construtora

Situado na Avenida Cassandoca, na altura do número 843, no bairro da Mooca, na parte baixa do distrito, o Let's Cassandoca é um empreendimento assinalado pela Econ Construtora que se encontra em fase de lançamento. O projeto, voltado para um público de renda média, prevê duas torres com 11 andares cada uma, com apartamentos em metragens inferiores quando comparados aos exemplos supracitados, sendo elas 35m², 37m² ou 41m², contando com dois dormitórios com varanda gourmet, além de uma vaga de garagem a depender da unidade adquirida²⁹. Diferente dos demais empreendimento analisados, o produto em questão faz parte do

²⁸ Disponível em: <https://www.tegraincorporadora.com.br/sp/tegmooca/?utm_source=google-search&utm_medium=cpc&utm_campaign=lancamento-tegmooca&utm_content=search&utm_term=lancamento-tegmooca&gclid=CjwKCAjwve2TBhByEiwAaktM1OeC893OWjLn-TF0CN4NPnybk0yvkJbJSoutRyXDJhpjFrBVvJ_jXR0CK4UQAvD_BwE>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

²⁹ Disponível em: <<https://econconstrutora.com.br/detalhes/lets-cassandoca>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

Programa Verde e Amarelo, o Antigo Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal, o que denota um público-alvo distinto quando comparado aos empreendimentos localizados nas partes consideradas mais nobres do distrito, claramente voltados para um público de padrão econômico elevado.

- Viva Benx Mooca – Benx Incorporadora

Situado na Rua do Oratório, na altura do número 789, o Viva Benx Mooca é um empreendimento da Benx Construtora em fase de construção. O projeto prevê uma única torre, com apartamentos de 1, 2 ou 3 dormitórios e metragens que variam entre 33m², 36m² e 54m², com ou sem vaga de garagem³⁰. Dentre os produtos imobiliários em fase de construção ou lançamento constatados durante a pesquisa de campo realizada no distrito da Mooca, o Viva Benx representa a opção economicamente mais viável, com as unidades maiores (de 54m²) saindo pelo valor de R\$ 407.800,00, de acordo com o corretor de imóveis contactado para efeito de pesquisa (consulta realizada em dezembro de 2021), sendo, portanto, um empreendimento voltado para a classe média. O produto também participa do programa federal Casa Verde e Amarela, antigo Minha Casa Minha Vida, diferentemente de grande parte dos empreendimentos supramencionados.

- Urban Mooca – Cury Construtora

Localizado de frente para a Avenida Radial Leste e vizinho ao campus da Universidade Anhembi Morumbi, na região da Mooca baixa, o Urban Mooca I é um produto da Cury Construtora que se encontra em estágio de obras. A exemplo do Viva Benx e do Cassandoca, é um empreendimento voltado para a classe média, situado na região do distrito onde o metro quadrado é mais barato, integrando também o programa federal Casa Verde e Amarela, que, de acordo com o exposto no site de divulgação do empreendimento, antevê benefícios de até R\$ 29.000,00³¹. O projeto prevê a construção de unidades de 30m² ou 45m², com opções de 1 ou 2 dormitórios.

³⁰ Disponível em: <<https://www.benx.com.br/busca/Apartamento-na-Mooca>>. Acesso em: 18 de dez. de 2021.

³¹ Disponível em: <<https://cury.net/imovel/SP/zona-leste/urban-mooca>>. Acesso em: 18 de dez. de 2021.

Não foi possível constatar se há ou não a oferta de garagem no empreendimento. No site da construtora, o produto é divulgado com enaltecimento de tudo o que a Mooca oferece a seus moradores, com menções ao Clube Atlético Juventus, ao bairrismo dos seus residentes e ampla gama de restaurantes que atendem a região.

- Raízes Premium Mooca – Lopes Construtora

Localizado na rua Jupuruchita, número 173, no Alto da Mooca, é um empreendimento assinado pela Lopes Construtora que se encontra em fase de lançamento. O projeto oferece três opções de metragens distintas, sendo elas de 138m², com quatro dormitórios ou três suítes e duas vagas de garagem; 81m² com opções de dois ou três dormitórios e uma vaga de garagem, ou studios de 24m², sem vaga de garagem³². É um empreendimento voltado para o público de alta renda, mas que de modo híbrido, reserva unidades voltadas para pessoas solteiras e de renda média ao oferecer as opções de studios.

Estes foram os empreendimentos em fase de construção, conclusão ou lançamento verificados durante a pesquisa de campo realizada no recorte espacial estudado, o distrito da Mooca. Denota-se que, de modo geral, a região abriga produtos imobiliários direcionados para um público de perfil econômico elevado e que esses empreendimentos se localizam nas regiões mais valorizadas do distrito, como a Mooca Alta e o Parque da Mooca, locais em que a verticalização potencializa de maneira irrefutável o enobrecimento local. Subsequentemente, é também nessas localidades que o preço do metro quadrado é mais valorizado. Essa significativa oferta de moradias, mormente na última década, vem aumentando consideravelmente a população da Mooca, fazendo com que moradores antigos e enraizados (que nunca sequer cogitaram deixar o bairro) passem a dividir espaço com um novo perfil, geralmente sem vínculo anterior algum com o bairro. Ainda que o distrito como um todo venha sendo alvo de especulação imobiliária nas três últimas décadas, denota-se uma tendência na verticalização do bairro: enquanto a parte alta da Mooca abriga os empreendimentos de alto padrão, como os futuros High Mooca e o Eredità Parque

³² Disponível em: <https://www.lopes.com.br/lancamento/REM18463/raizes-premium-mooca-sao-paulo-mooca?utm_source=google&utm_medium=site-lopes&utm_campaign=DSA&campaignid=11772502267&adgroupid=114483849356&adid=587972445562&gclid=CjwKCAjwve2TBhByEiwAaktM1G9Xle5Sa60rDpMpWN63enSviqxjFLdsVSDwQVfU3ExyJNlx44QPmBoCacsQAvD_BwE>. Acesso em: 29 de dez. de 2021.

da Mooca, além de outros muitos já implantados e concluídos, o que acaba por atrair cada vez mais comércios e serviços orientados para esse público, a região da Mooca baixa abriga os empreendimentos voltados para o “perfil econômico comum” da classe média, como o Let’s Cassandoca e o Urban Mooca, o que nos remete invariavelmente a acentuação da desigualdade econômica dentro do próprio distrito. Aqui entra em voga também o processo conhecido como gentrificação, como trataremos subsequentemente.

Outro fator desencadeado pela dinâmica vertical no distrito é a transformação da paisagem do distrito da Mooca, de um tradicional bairro fabril, industrial e operário a mais um distrito vertical, processo análogo ao que ocorre atualmente também em bairros como Brás e Belém, constituindo-se, portanto, em um distrito predominantemente residencial, como seu vizinho Tatuapé, também na zona leste da cidade de São Paulo. Dessa forma, evidencia-se uma substituição notória: o bairro que se designa pelo seu estigma de tradicional, embebedado sobretudo das raízes da tradição italiana impregnadas no local, lastreado por um sentimento de pertencimento e orgulho dos moradores locais para com o distrito e de relações sociais ímpares entre estes, de modo singular e não verificado em nenhum outro bairro da cidade, tende, cada vez mais e a cada novo empreendimento imobiliário e suas imponentes torres com funções habitacionais para a classe média e classe média alta, reproduzindo enclaves fortificados, a se tornar um local estereotipado pela individualização urbana, com seu passado industrial preterido em nome do desenvolvimento que atende à demanda do capital financeiro sem se preocupar com a história de formação do distrito, modificando substancialmente a paisagem do mesmo, noutro tempo marcado pelo adensamento horizontal e de casas geminadas para um perfil atualmente (e cada vez mais) vertical. Para taxar esse movimento, podemos evocar o termo “urbanização”, criado pelo geógrafo Francesc Muñoz ao analisar, em sua obra “Urbanización: paisajes comunes, lugares globales”, a maneira como o interesse do capital atua na modelação das paisagens urbanas e a contragosto do passado do local, desconsiderando peculiaridades inerentes aos lugares e reproduzindo mais do mesmo por intermédio do adensamento vertical, transformando as paisagens dos bairros metropolitanos em algo monótono, homogêneo. Denota-se, no entanto, um “esforço” das construtoras em alinhar o progresso econômico com o passado

industrial, por meio de projetos que salvaguardam elementos das antigas edificações, mantidas sob o pretexto de preservação da memória local, o que soa como estratégia das construtoras para ludibriar os movimentos de defesa do patrimônio, afinal, como contestar a revitalização do bairro aliado a conservação da história local?

Figura 10- Chaminé remanescente da antiga refinaria de açúcar União, preservada e revitalizada pela construtora Cyrela.



Fonte: Portal da Mooca, 2021.

3.8 Consequências da verticalização – a gentrificação

O conceito de gentrificação foi criado pela socióloga britânica Ruth Glass em “London: Aspects of change” (1964) e, basicamente, corresponde ao processo de transformação do espaço urbano, dos usos e de significados de zonas da cidade,

coordenado pelos agentes detentores do capital e que compreende o encarecimento da vida, tornando regiões inteiras acessíveis para poucos. Ele implica, necessariamente, na substituição dos perfis populacionais que habitavam e que passam a habitar o bairro, provenientes agora de faixas de maior renda, desencadeando uma metamorfose na composição residencial local que acarreta uma paulatina substituição da população de renda mais baixa que outrora se abrigara ali. É um processo fomentado sobretudo pela chegada de novos empreendimentos imobiliários e pela tendência a elitização de serviços e comércios que acabam por alterar a dinâmica de um bairro ou região, suscitando uma invariável valorização do local que acaba por afetar a população que ali vivia e que passa a necessitar de maior renda para continuar ali. Neil Smith, em sua obra “Gentrificação, a Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano” trabalha o termo sobre a perspectiva econômica, analisando o fenômeno dentro do quadro de desenvolvimento desigual da economia capitalista. Nesse contexto, o fenômeno da gentrificação é evidenciado no recorte estudado nessa pesquisa. A Mooca passou por um processo acentuado de valorização, sobretudo nas últimas décadas, tornando-se alvo sistemático da especulação imobiliária e cenário de inúmeros lançamentos de produtos imobiliários que acabaram por alterar a dinâmica e a paisagem local, outrora fabril e com predominância de casas geminadas e atualmente repleto de torres imponentes e enclaves fortificados que evidenciam a mudança do padrão de vida local e, subsequentemente, do perfil populacional predominante no bairro.

É um processo coordenado sobremaneira pelo interesse do setor privado, mas aliado, ordinariamente, ao poder público, que entra com legislações de uso, ocupação do solo e o plano diretor dos municípios, geralmente flexíveis às demandas do capital, estruturadas por vezes sob a égide da “revitalização urbana”, ou seja, que atua em determinadas localidades que demandam regeneração. Nessa relação cujo protagonista é a iniciativa privada, o que prevalece não é o interesse da população, mas sim o interesse dos agentes hegemônicos da economia.

No caso da Mooca, a construção e proliferação de enclaves fortificados na paisagem urbana local representam negações inclusive ao tradicional do bairro, vendido por vezes nos anúncios dos empreendimentos imobiliários e renunciado pelos mesmos, num processo dicotômico que finda em uma abnegação do passado

industrial e operário do bairro, passado atrelado à tradição italiana que permeia o distrito e que confere uma identidade ímpar ao bairro.

A dispersão das indústrias em conjunto com o surgimento das novas centralidades residenciais e comerciais da cidade a partir da década de 1960 (CARLOS, 2009) deixou inúmeros espaços vazios no bairro, provocando a desvalorização e degradação do local. Esses terrenos, no entanto, jamais saíram do radar do mercado capitalista, tornando-se espaço de especulação imobiliária. Em São Paulo, assim como em outras inúmeras cidades do mundo, as transformações ocorridas na área central, nos últimos anos, revelam uma dinâmica particular de atuação do capital, num ciclo histórico de investimento – desinvestimento – reinvestimento (SMITH, 2007).

Remontando ao passado industrial do bairro, é possível denotar o estágio de investimento que conferiu à Mooca benfeitorias singulares, como a supracitada retificação do rio Tietê, a construção da ferrovia São Paulo Railway e a subsequente instalação das indústrias que foram atraídas pelas benesses conferidas pelo distrito à produção fabril na época do boom industrial paulistano; o processo de desinvestimento, por sua vez, está intrinsicamente ligado à mudança de centralidades e a defasagem do bairro enquanto polo industrial, haja vista as desvantagens da produção fabril em espaço urbano (novos lugares passam a conceder mais vantagens), dessa forma, os espaços deixados pelos edifícios industriais se tornam degradados e desvalorizados sobretudo a partir dos anos 1970 até os anos 1990 em diante; o processo de reinvestimento, por sua vez, retrata a contemporaneidade do bairro: a chegada de novos serviços e comércios induzidos e atraídos pela mudança do perfil populacional simbolizado pelos imponentes empreendimentos imobiliários que reverterem o processo de esvaziamento local e que passam a dar a tônica da paisagem urbana da Mooca, outrora fortemente simbolizada pela arquitetura industrial.

4 SUSTENTÁCULO DA TRADIÇÃO DO BAIRRO – O CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS COMO LASTRO DA ITALIANIDADE E SÍMBOLO DE PERTENCIMENTO À MOOCA

O bairro da Mooca é considerado por muitos paulistanos um dos mais característicos e simbólicos bairros de São Paulo. A ocupação por parte dos imigrantes italianos que se hospedaram e trabalharam na região conferiu à Mooca uma italianidade perceptível em poucas regiões de São Paulo, como Brás e Bela Vista, mas notória em maior magnitude na Mooca. Se o bairro da Liberdade remete à imigração japonesa na cabeça dos paulistanos, quando se fala da imigração e raízes italianas o bairro que vem à cabeça dos paulistanos é a Mooca. Associado ao passado industrial, a herança italiana perpassa gerações de residentes no bairro mesmo frente as transformações paisagísticas e sociais em curso na região, promovidos pelo voraz avanço do mercado imobiliário que age na transformação do espaço conforme seu interesse e sem se importar com modificações harmônicas que remetam às origens do bairro. Essa resistência é manifesta em alguns elementos inerentes e peculiares à Mooca, sendo o Clube Atlético Juventus o mais significativo e irrefutável símbolo de viço que alia o passado industrial e as raízes italianas da Mooca de modo mutual; um clube de futebol aclamado pelos residentes e que une a paixão pelo futebol e o sentimento de pertencimento ao bairro de modo singular.

4.1 Clube Atlético Juventus – o passado industrial, a herança italiana e o sentimento de pertencimento à Mooca unidos em um time de futebol

O Clube Atlético Juventus, popularmente conhecido como Juventus da Mooca, é uma célebre agremiação do futebol paulistano, representando um clube desportivo, recreativo e social. Situado na Mooca, é um dos clubes mais tradicionais da capital paulista e motivo de orgulho dos tradicionais moradores locais, sendo também um representativo elemento dos hábitos e costumes italianos em um componente que agrega o lado passional de diversos amantes do esporte bretão. É em dias de jogo na tradicional Rua Javari que se sente demasiadamente o pulsar do orgulho italiano latente na Mooca e a associação passional existente entre o bairro e a agremiação.

4.1.1 As origens do Clube Atlético Juventus

É possível afirmar que a história da Mooca e do Juventus se confundem; se a formação e crescimento da Mooca está intimamente ligada ao passado industrial e a imigração italiana, a história do Juventus é um fidedigno retrato da história do bairro ao qual pertence. Isso porque a história do Clube Atlético Juventus está intimamente ligada ao Cotonifício Rodolfo Crespi e tem sua origem associada ao complexo fabril, mas apresenta versões distintas.

Fundado por operários do Cotonifício (herança industrial parcialmente preservado na paisagem do bairro, situado na rua Visconde de Laguna com a Paes de Barros), a versão mais difundida do nascimento do clube alega que o ponto de partida foi dado pela idealização do italiano Vicente Romano, em conjunto com seu amigo português Manoel Viera de Souza, então chefe de contabilidade do Cotonifício Rodolfo Crespi³³. A intenção era criar um time de futebol para participar de jogos amistosos na várzea paulista. Surgia assim o “La Greca”, nome que remete à Grécia em referência às origens de Vicente Romano (oriundo de uma região do sul da Itália, que por muitos anos foi colonizada pelos gregos antigos).

Vicente Romano, idealizador do projeto, tornou-se o primeiro presidente do clube e é considerado por muitos o verdadeiro fundador daquele que viria a ser o Clube Atlético Juventus. Todos os dirigentes e jogadores do clube até então eram funcionários do Cotonifício Rodolfo Crespi que visavam se entreter junto a seus familiares nos fins de semana de folga atuando no então denominado futebol de várzea da época. Outras versões da história dão conta de que a verdadeira origem do clube adorado pelos mooquenses é o Extra São Paulo, clube que ostentava as cores da bandeira do Estado de São Paulo em seu uniforme e que logrou êxito em sua jornada inicial pelo futebol de várzea paulista, despertando o interesse do Conde Rodolfo Crespi, proprietário do Cotonifício, onde trabalhavam os fundadores do Extra São Paulo e do La Greca, sendo posteriormente rebatizado de Cotonifício Conde Rodolfo Crespi F.C.

³³ Disponível em: <<http://www.portaldamooca.com.br/clube-atletico-juventus/>>. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

Figura 11- Escudos do Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube, antecessor do Clube Atlético Juventus.



Fonte: Blog Gino Escudos, 2018.

Conde Rodolfo Crespi recebeu da Itália, no ano de 1925, o título de “Cavaliere Del Lavoro”, uma honraria outorgada àqueles que alcançavam o triunfo em atividades econômicas na agricultura, no comércio, artesanato ou na indústria, como é o caso em questão³⁴. Como forma de homenagear o proprietário do Cotonifício em virtude da honraria granjeada, o Extra São Paulo decidiu alterar o nome da agremiação para Cavaliere Crespi F.C, angariando desse modo a admiração de Rodolfo Crespi, que, lisonjeado, cedeu o espaço de uma de suas propriedades, que até então fora utilizado como cocheira de cavalos, para que ali se construísse um campo de futebol, possibilitando o desenvolvimento da prática em franca popularização na cidade em condições melhores e mais dignas, propriedade essa situada entre a atual Rua Javari e Rua dos Trilhos, dois importantes logradouros do distrito da Mooca onde hoje se encontra localizado o Estádio Conde Rodolfo Crespi, carinhosamente apelidado como Estádio da Rua Javari, com capacidade para cinco mil torcedores e palco de memoráveis momentos do futebol paulista (como o gol mais bonito do Pelé, segundo palavras do mesmo) e casa do Clube Atlético Juventus e de milhares de paulistanos

³⁴ Disponível em: <<https://www.cavaliereidellavoro.it/archivio/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

que residem na Mooca e fazem da tradicional agremiação de raízes italianas motivo de orgulho e festejo.

Figura 12- Estádio Conde Rodolfo Crespi, na Mooca.



Fonte: TripAdvisor, 2017.

4.1.2 Construção da identidade local – A formação da identidade do Clube Atlético Juventus sediado na Mooca

O Clube Atlético Juventus, com seu nome e cores atuais, só foi definido algum tempo depois da construção do estádio, mais precisamente, no ano de 1930, quando a diretoria do clube da Mooca resolveu modificar o nome da agremiação, surgindo assim o Clube Atlético Juventus, denominação proposta pelo próprio Conde Rodolfo Crespi como forma de homenagear seu time na Itália, a tradicional Juventus de Turim, da região do Piemonte. Aproveitando a mudança de nome, modificou-se também as cores da agremiação: saem o vermelho, preto e branco, cores então já ostentadas por tradicionais clubes da cidade e do Estado de São Paulo, como Corinthians, São Paulo da Floresta, Santos e Ipiranga. Buscando aderir cores singulares, o Clube Atlético Juventus adotou as cores grená e branco, que curiosamente pertencem ao Torino Football Club, rival da Juventus na Itália, almejando a unificação da comunidade

italiana residente no Brasil em torno do time de futebol fundado na Mooca, constituindo assim uma das camisas mais marcantes, peculiar e simbólica do futebol de São Paulo. Desse modo, o italiano Andrea Ruggeri à época disse que, em seu país, o Juventus da Mooca é o time que representa a Itália em terras brasileiras:

“Para nós da comunidade italiana o Juventus é o nosso time, o verdadeiro time italiano, é a nossa casa, pois representa dois times da Itália que são rivais e aqui vivem em união dentro de um único clube. No Brasil, o italiano entende que o representante do seu futebol aqui é o time do Juventus da Mooca.”³⁵

Figura 13- Escudo do Clube Atlético Juventus.



Fonte: Blog Dream League Soccer, 2017.

Ingressando no profissionalismo, o Clube Atlético Juventus viveu momentos de glória e decepção, os quais não pretendo elencar neste trabalho, afinal o foco deste capítulo é voltado para a relação estabelecida entre o clube, a Mooca e a tradicional

³⁵ Disponível em: <<https://saopauloantiga.com.br/a-heranca-italiana-em-sao-paulo-como-ela-vive-ate-hoje/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20italiano,folcl%C3%B3rico%20Juventus%20da%20Rua%20Javari.>>>. Acesso em: 24 de fev. de 2022.

e apaixonada torcida bairrista. E nada como uma visita ao estádio da Rua Javari para apurar todo o efervescente sentimento de bairrismo lastrado na agremiação que melhor representa a Mooca. É verídico que o “Moleque Travesso”, como é carinhosamente apelidado o Clube Atlético Juventus, não figura atualmente no cenário mais nobre do futebol estadual, tampouco do futebol nacional, mas isso não afastou jamais a apaixonada torcida que comparece de modo resiliente todo domingo de manhã para empurrar o time rumo à vitória. E ali é possível de denotar uma mescla de sentimentos e de relações sociais distintas daquelas averiguadas em estádios dos grandes clubes da cidade de São Paulo que possuem torcida por todo o Estado. Os adeptos são como uma grande família, que estabelecem relações de sociabilidade ímpares, muitos são vizinhos ou conhecidos do próprio distrito, sejam residentes ou comerciantes, que em comum dividem a paixão permanente pelo time grená e branco e que perpassam, de geração em geração, rituais de torcida que variam desde o consumo do tradicional cannoli do Seu Antônio, famoso morador e comerciante local logo na entrada do estádio aos cânticos dialéticos cheios de referência à Mooca, exaltando sempre a cultura italiana profundamente arraigada na história do Juventus e na formação da Mooca como um todo.

“[...] o Clube Atlético Juventus construiu e mantém a identidade, a memória coletiva do bairro da Mooca, que já foi operário no início do século XX. O futebol como manifestação cultural está presente na região, como atividade de lazer e de interação social, manifesta-se simbolicamente para torcedores juventinos por tradição ou por simpatia, assim como, entre as pessoas que ali habitam e desenvolvem suas narrativas de vida. O desenvolvimento da Mooca através do futebol do Juventus está presente na memória de seus locais de lazer públicos ou privados e no cotidiano de seus moradores.” (KAWAGUCHI, 2012).

O bairrismo é latente. E o Juventus é, indubitavelmente, um dos (senão o principal) pilares do sentimento de pertencimento ao bairro e de resistência das tradições italianas locais em meio as mudanças social e habitacional provocadas pela disseminação de novos empreendimentos imobiliários na região. Essa relação se torna axiomática em alguns minutos transitando pelo distrito: é muito fácil se deparar com transeuntes trajando a clássica camisa grená do Juventus, bem como adesivos em alusão ao escudo estampados na traseira de inúmeros veículos que circulam pelo bairro. E o Juventus não só propaga como vende o bairrismo mooquense e as origens

italianas tão inerente à agremiação. Camisas com os dizeres “Mooca é Mooca, o resto é bairro”, “República da Mooca”, “Orra Meu, eu sou da Mooca”, “Casa Nostra”, “Eu sou da Mooca, Bello”, “Na Mooca é tutti bona gente” e afins são comercializados no bairro. Os moradores antigos do distrito chamam o local de “principado”.

“A tradição de uma cultura futebolística está presente na região até os dias de hoje: o Clube Atlético Juventus, que mesmo não sendo reverenciado ou comentado pela grande mídia, torna-se em plena era da globalização um guardião do futebol como manifestação cultural e de lazer.” (KAWAGUCHI, 2012).

A devoção pelo Clube Atlético Juventus não se restringe somente ao espaço do Estádio na Rua Javari, muito pelo contrário. O bairro se agrega com o time e a história de ambos se confunde. A relação de pertencimento do time para com o bairro e vice-versa é singular. O envolvimento da população local com a agremiação ultrapassa o limite dos alambrados e se alastra por toda a Mooca, seja por meio de paredes e muros pintados na cor grená, em bares temáticos ou em bandeiras tremulantes orgulhosamente colocadas pelos moradores na sacada de alguns edifícios mais antigos no distrito ou mesmo em casas e estabelecimentos comerciais, demonstrando uma veneração digna de time grande; por mais que os holofotes do futebol paulista não estejam voltados para a equipe na atualidade, isso não afasta a torcida apaixonada da Rua Javari. A média de público do Juventus em jogos como mandante no Conde Rodolfo Crespi é de duas mil pessoas, o que corresponde à metade da capacidade máxima suportada³⁶. Quando se trata de clássicos contra o Nacional da Barra Funda (apelidado de clássico Juvenal) ou contra a Portuguesa de Desportos (denominado dérbi dos imigrantes, haja vista que os times foram fundados por imigrantes italianos e portugueses, respectivamente) a capacidade máxima de lotação é facilmente alcançada e torna-se evidente o pulsar do orgulho mooquense e juventino nos alambrados do tradicional estádio da Rua Javari, sobretudo no setor das torcidas organizadas Ju Jovem e Setor 2, que comandam o público em dias de jogo. Os moradores da Mooca, sobretudo os mais antigos, têm uma identificação muito forte com o bairro, e como um bom reduto de italianos, os mooquenses se orgulham muito de suas tradições, sendo o Clube Atlético Juventus uma delas.

³⁶ Disponível em: <<http://www.juventus.com.br/clube/infraestrutura/estadio/>>. Acesso em: 02 de mar. de 2022.

Figura 14 - Faixa da torcida exalta a raiz operária do time.



Fonte: El País, 2018.

“Houve um grande aumento de interesse pelo Juventus, porém me parece que existe um foco diferente, que é de preservação e resistência, como se fosse um símbolo cultural de uma São Paulo que já não existe mais, engolida pelo progresso. Então não é só pelo time, embora o time precise sobreviver, também. A própria Mooca, com a especulação imobiliária, cresceu e começou a se apegar a esses elementos, tornando-se uma região muito bairrista. Isso passou a ser associado ao Juventus, conforme os novos torcedores foram trazendo referências aos operários da fábrica na qual o clube foi fundado e às origens italianas. Vestir a camisa do Juventus é um sinal de pertencimento, de identidade cultural e social. Por isso a camisa se popularizou. Não é simplesmente por hipsterismo como as pessoas tentam simplificar. É mais complicado (...) seja como for, o clube parece que começou a entender o seu papel e começou a se posicionar como uma bandeira do bairro da Mooca”. (Hamilton Kuniuchi, torcedor em entrevista ao site Verminosos por Futebol).³⁷

Assistir um jogo do Juventus é rito protocolar do turismo na Mooca. Além de extremamente tradicional, o clube representa para os apaixonados pelo esporte bretão a resistência ao futebol moderno, midiático, guiado por patrocínios e, por vezes, teatral. É possível afirmar que o Juventus da Mooca é uma ilha de resiliência em meio ao abismo socioeconômico esportivo propiciado pelo mercado corporativo e financeiro que, no cenário atual do esporte, transfaz em valores tangíveis algo presumivelmente intangível, sob a nomenclatura de mercado futebolístico. Um estádio com arquibancadas de cimento, alambrado próximo ao campo e que possibilita a torcida

³⁷ Disponível em: <https://www.verminososporfutebol.com.br/papo-serio/por-que-o-juventus-da-mooca-virou-um-clube-cult-e-o-nacional-da-barra-funda-nao/>. Acesso em 11 de mar. de 2022.

transformar o estádio num verdadeiro caldeirão, tanto para empurrar o time como para pressionar os adversários. Um ambiente rústico, sem glamour, mas que ostenta um ar de tradição peculiar e inerente somente à locais onde se pode vivenciar o futebol no seu estado mais puro, brandindo bandeiras com os dizeres “ódio eterno ao futebol moderno”. Um recinto que se mantém fiel às suas raízes italianas e que vai completamente na contramão da elitização do futebol brasileiro e do futebol moderno com suas imponentes arenas e salários astronômicos, que o tipificam cada vez mais como negócio e cada vez menos como um esporte competitivo. No Juventus, é a paixão da torcida que dá a tônica, e não a glamourização do esporte norteados pelo capital. No clube símbolo da Mooca, se constata revelia à padronização do futebol orientada pelo dinheiro, que transforma o esporte em uma singela mercadoria.

Figura 15 - Entrada principal do estádio Conde Rodolfo Crespi.



Fonte: Veja São Paulo, 2022.

O time é a melhor e maior tradução das origens italianas que propiciam à Mooca características ímpares e alimenta um bairrismo não perceptível em nenhum outro bairro da cidade de São Paulo. Os moradores da Mooca cultivam a paixão incondicional pelo time que independe completamente de conquistas de campeonatos ou de vitórias e que é perpetuada de geração em geração. Há um vínculo indissociável entre time e bairro que possibilita alegar que o Juventus não existiria fora da Mooca,

seria apenas uma instituição futebolística de glórias pretéritas e esquecida na contemporaneidade, a exemplo do Nacional, clube de futebol situado na Barra Funda que não compartilha do mesmo prestígio que o time mooquense. Há uma espécie de simbiose, em que a história do bairro se confunde com a do próprio time. E o comércio local, que gira em torno do clube, se aproveita dessa tradição para propagar o bairrismo lastrado pelo Clube Atlético Juventus.

Todo o ambiente local é fortemente influenciado pela cultura italiana. Desde o cannoli, uma tradicional sobremesa de massa doce frita em feijão de tubo, proveniente da Sicília e tradicionalmente recheada com creme de ricota, chocolate ou avelã, protocolarmente adquirido pela torcida em dias de jogo em frente ao estádio, até as pinturas de muros e calçadas nas cores da agremiação, tudo remete à Itália e ao Juventus. Tudo isso faz da região do estádio um ponto icônico de turismo dentro da Mooca, o que é aproveitado pelo comércio local, que adotam o nome da agremiação, suas cores, suas alcunhas ou mantêm na decoração interna elementos associados ao “moleque travesso”. Um exemplo é a Esfiharia Juventus, tradicional restaurante especializado na culinária árabe, em atividade na região desde 1967 e que adota o nome e as cores do Clube Atlético Juventus em sua fachada, bem como a Camiseteria di Mooca, uma loja que comercializa artigos relacionados ao clube grená que ostenta todo o orgulho da Mooca exaltado pelos seus tradicionais e antigos residentes.

Figura 16 - Setor da torcida organizada na Rua Javari.



Fonte: Página do Facebook Famiglia Setor 2, 2022.

A sede social do Juventus fica localizado na Rua Comendador Roberto Ugolini, região do Parque da Mooca, área nobre do distrito, distante cerca de um quilômetro do estádio Conde Rodolfo Crespi, na Rua Javari. O complexo é formado por piscinas, academia, quadras poliesportivas cobertas e campos de futebol, tênis e futsal. A exemplo do estádio, a sede social configura um espaço de lazer que concentra atividades esportivas, eventos sociais e festas como formatura de colégios, bailes de carnaval, jantares dançantes e bailes voltados para o público da terceira idade. A mais simbólica festividade, no entanto, é a Festa Italiana, que ocorre anualmente no mês de agosto no salão nobre do clube, que conta com atrações musicais típicas e a presença de tenores. É um espaço que promove de maneira incomparável a sociabilidade entre os moradores da Mooca, que cultivam relações familiares para com os outros e fortalecem o sentimento de pertencimento ao bairro por meio do Juventus, muito mais do que um simples time de futebol, um exímio filho do bairro.

Figura 17- Sede social do Clube Atlético Juventus.



Fonte: Site do Juventus, 2022.

4.2 Juventus: um lastro essencial na relação peculiar entre o bairro e seus moradores

Para entender melhor a estreita relação entre os moradores e o clube, foram realizadas algumas entrevistas no distrito com moradores locais que vivenciam o bairro em seu cotidiano íntimo. De fato, não é nada complicado encontrar pelas ruas do bairro moradores que mantêm uma relação com o Clube Atlético Juventus. Pelas ruas do distrito, mormente nas ruas Visconde de Laguna, Taquari, Javari e Rua dos Trilhos, foi possível averiguar comércios cuja fachada é colorida com as cores grená e branco, principalmente bares e restaurantes. É possível averiguar também diversas camisas do clube ostentado pelos moradores locais, além de bandeiras que exibem o escudo juventino colocadas em fachadas e janelas de casa. Nesse cenário, foram abordadas algumas pessoas que concordaram em ceder entrevista para explicar essa relação passional existente entre Mooca-Juventus-Moradores, visando compreender o quanto a agremiação é um sustentáculo do bairrismo local, da manutenção da memória social do bairro e do sentimento de pertencimento dos moradores ao distrito.

Para Gabriella, estudante de arquitetura e urbanismo e frequentadora assídua do bairro, ir ao estádio da Rua Javari assistir o Clube Atlético Juventus é reforçar laços afetivos e relembrar a histórias das idas ao estádio com seu falecido avô, com quem aprendeu a gostar de futebol, da Mooca e, sobretudo, do Juventus.

“O Juventus representava muito para o meu avô, a felicidade dele estava muito vinculada ao desempenho do time. Ele era um filho da Mooca, assim como o time, tinha um orgulho imenso do bairro, eu não entendia o porquê quando criança, mas fui amadurecendo e entendendo o porquê o time era tão importante para ele, é porque o time era como um irmão para ele.”

Carlos Eduardo, bancário e morador antigo da Mooca, compartilha do mesmo sentimento e aponta a agremiação esportiva como um filho do bairro, sem o qual a Mooca jamais seria o que é hoje:

“Para mim é uma relação de pai e filho. Não existe o Juventus sem a Mooca e a Mooca não seria o que é não fosse o Juventus. O time é o símbolo do bairrismo mooquense, é o orgulho dos moradores locais, é o elemento que melhor representa a Mooca. Ninguém chama o time de Juventus, mas sim Juventus da Mooca, porque há essa relação de pertencimento visceral, de que o clube não existe sem o bairro e de que o bairro não seria a referência que é não fosse o clube.”

Denota-se nas falas uma simbiose existente entre o clube e o bairro, notória mesmo na observação da paisagem do distrito onde se sobressaem as cores grená e branco, como já aludido. Os moradores adotaram o time como elemento identitário e peculiar da Mooca, e o clube, por sua vez, exalta o passado operário e industrial do bairro do qual se originou, de maneira ímpar e singular, tornando-se um guardião e disseminador da memória social e um propagador do sentimento de pertencimento dos moradores locais.

Dessa forma o Clube Atlético Juventus tornou-se símbolo de resiliência em meio as transformações promovidas pelo sistema, seja no âmbito do futebol ou do urbano. Isso porque o time representa como ninguém o apego às tradições e reflete o tradicionalismo mooquense frente às transformações promovidas pelo interesse das construtoras no bairro mormente na última década, quando o processo de verticalização se alastrou mudando, gradativamente, a tônica da paisagem de um bairro outrora marcado pela arquitetura industrial. Para Carlos Eduardo, muito mais

do que um simples time de futebol, o Juventus é o elemento que melhor sintetiza o orgulho das raízes do bairro:

“A cidade inteira hoje é muito ligada ao novo, ao moderno, um progresso que apaga o passado. Na Mooca não, aqui a gente exalta o passado, as tradições, a herança italiana e perpassa a história de geração em geração. O Juventus é a síntese disso tudo. É o espaço físico, a materialização do orgulho bairrista e da história e origem do bairro, é o elemento ao qual o mooquense se apegava para resistir as transformações promovidas pelo capitalismo na cidade como um todo. Há até uma parcela local que critica esse apego ao passado, que isso acaba evitando processo de melhorias no bairro, mas para mim e para todo mundo que conheço é bairro é bom como é.”

Jaqueline, dentista e residente do bairro há sete anos é uma das moradoras que põe em xeque esse apego ao passado:

“Longe de mim ser contra a manutenção da história, o passado do bairro é de uma riqueza maravilhosa, mas não acho que o bairro tem que ficar apegado a isso. É preciso, na minha opinião, conciliar progresso e preservação da história. Não sou especialista, mas deve ter algum jeito, sei lá, fazer construções que mantenham características do passado fabril com um ar de moderno seria diferente, seria legal. O problema é que a imensa maioria dos moradores do bairro ainda é composta daquela figura clássica do italiano ranzinza, resistente a mudanças, que acha que tudo vai piorar se mudar.”

O time é também uma resistência à mercantilização do futebol. Na Mooca, acompanhar o Juventus é um ritual familiar e passiona. O time cultiva tradições e não se curva à monetização do espetáculo para angariar novos torcedores ou tencionar prováveis títulos que a entrada de capital no clube poderia proporcionar. Com o movimento de transformação dos times em SAF³⁸ no cenário futebolístico brasileiro atual, a possibilidade da transformação do Clube Atlético Juventus em uma empresa tem se tornado motivo de insônia para torcedores antigos do time mooquense. Rodrigo, professor e integrante da torcida organizada Setor 2, é um desses torcedores que têm perdido o sono com a possibilidade da transformação do clube em uma SAF:

“Hoje em dia tem aí a discussão do clube empresa, a tal da SAF, e o Juventus da Mooca já entrou no radar de uma empresa investidora italiana que eu nem fazia ideia de que existia e que tá cheia de projeto de modernização e tudo mais, para o time e para a estrutura do clube como um todo. Nem preciso dizer que sou contra. O Juventus é e sempre foi um clube da torcida, que

³⁸ Sigla que significa Sociedade Anônima de Futebol, criada pela Lei 14.193/2021 que permite a transformação de clubes de futebol em empresas.

pertence exclusivamente à Mooca e seus moradores/torcedores. Se vender é apagar nossa história, nossas batalhas, o esforço de todos envolvidos na formação operária desse clube. Tirar isso da gente e entregar a uma empresa privada seria enterrar a tradição de um bairro, matar a essência do nosso clube. É se tornar objeto de uma empresa que vai simplesmente nos explorar economicamente em troca de migalhas.”

A empresa a qual o professor se refere é o grupo italiano Almagora, que apresentou interesse em participar economicamente do clube, ideia que desagradou a maioria esmagadora da torcida, mas que divide a opinião de alguns, que embora desejem preservar as tradições do clube e do bairro, vêem na possibilidade de venda uma oportunidade de elevar novamente a agremiação ao patamar dos grandes clubes da capital. É o caso de George, 41 anos, cabeleireiro e morador do bairro e que enxerga numa possível venda a possibilidade de modernização do time local:

“Muita gente se diz contra mais por birra mesmo do que por convicção, pô meu, não é uma ideia tão ruim assim, seria bom para o clube, eu até entendo à crítica que se faz ao futebol enquanto mercadoria, mas pô, é a realidade do futebol atual, por ser contra isso o Juventus vai ficar parado no tempo, sendo uma realidade somente aqui, nos muros do bairro? Nunca mais vai figurar no cenário estadual, ou até mesmo nacional, somente por certas convicções? Fala sério... No futebol e na vida você tem que se adaptar às situações. E que legal seria ver o estádio reformado, o time disputando com os grandes da cidade outra vez, conquistando torcedores para fora da Mooca. O problema é que o moçoquense acha que se vender a essência do clube acaba, o passado do time é esquecido, o bairro perde a sua maior identidade... nada a ver, é possível harmonizar o passado com o futuro, progredir sem esquecer, expandir sem apagar. O Juventus é da Mooca, mas precisa ser também de São Paulo, do Brasil, por que não?”

Na contramão de George, a imensa maioria dos torcedores se opõe à ideia de modernização e se prendem ao mantra difundido pelas organizações do clube: “ódio ao futebol moderno”. Esse movimento se julga como um rechaço à monetização exorbitante e à mercantilização do futebol, visando o resgate da essência do esporte, pregando que a forma como o dinheiro compra os times, além de outros detalhes envolvidos na gestão administrativa, destruíram o prazer de ir ao estádio e acabaram por elitizar o acesso democrático ao esporte. De acordo com Carlos Eduardo, o clube é uma resiliência à nova dinâmica do futebol:

“O futebol hoje está muito chato, muito teatral, querem ditar regras de como você tem que se comportar, de como deve torcer, proíbem bandeiras, cânticos provocativos, é muita choradeira por parte da mídia, querem ditar até as rivalidades... ora, rivalidade sempre existiu, é a essência do futebol.

Hoje o jogador não pode mais nem comemorar na frente da torcida adversária ou aplicar um drible desconcertante que já tratam como desrespeitoso, antiético, um discurso completamente sem fundamento. Aqui no Juventus não tem nada disso, aqui o torcedor pode se pendurar no alambrado, provocar o adversário, fazer a festa na arquibancada, enfim, aqui se torce como se torcia na época da popularização do futebol no Brasil, graças a Deus, é isso que faz do nosso clube um símbolo.”

A identidade de resiliência do clube reverbera também para fora dos muros do estádio da Rua Javari. Foi assim que a agremiação se tornou símbolo de resistência também à modernização. É o elemento do bairro que melhor que representa o saudosismo mooquense e o apego a tradições e a memória social do bairro. Segundo Dionísio, 67 anos, dono de uma banca de jornais na Mooca e morador do bairro, as transformações promovidas pelo processo de verticalização do bairro não são bem-vistas:

“Nós da Mooca somos saudosistas mesmos, gostamos das coisas como são. Por isso dizemos que existem bairros e existe a Mooca, é um outro estágio, sabe? Nos chamam de velhos, retrógrados, mas e daí? Assim como gostamos do futebol raiz gostamos do bairro como é, com casas, com edifícios industriais, com a herança italiana que tão bem nos caracteriza. Não é ser contra o novo, é ser contra um novo que desrespeita nossa história, que transforma o que não tem que ser transformado. Prédio é feio, estraga a paisagem, pior ainda quando se perde patrimônios industriais que já deveriam estar tombados há anos e que não estão por negligência do poder público. Se apaga a história dos lugares para construir a porcaria de uma torre que detona a vista do bairro.”

Denota-se nas falas dos moradores que o time é, de fato, muito mais do que um mero clube de futebol, mas também um bastião dos costumes e tradições que permeiam a história do bairro. Um símbolo de resistência, um espelho da história do bairro e um exímio filho do bairro segundo fala dos próprios entrevistados. Dessa forma, o Clube Atlético Juventus pode ser considerado um elemento guardião e difusor da história do bairro, daí o apego dos tradicionais moradores a agremiação que tão bem carrega e ostenta o nome da Mooca. Frente as transformações promovidas no bairro e já elencadas nessa pesquisa, o Clube Atlético Juventus é o elemento ao qual o mooquense se apega na preservação do tradicionalismo do bairro e da própria história da Mooca, da qual o time faz parte, constituindo-se como um fruto do período industrial e uma herança italiana da Mooca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a homogeneização do espaço urbano por intermédio dos interesses capitalistas promovido sobremaneira pela demasiada verticalização das metrópoles, a resiliência da memória social dos lugares só poderá ser promovida através da luta dos moradores locais pela manutenção da identidade dos diferentes locais da cidade. O bairro da Mooca, tradicional reduto italiano e operário da zona leste de São Paulo e alvo sistemático da ganância imobiliária nas últimas décadas, pode perder em um ínterim de tempo características que tão bem lhe descrevem e lhe apresentam frente aos demais bairros da cidade, como a arquitetura industrial, que nos remete à um passado operário e imigrante, símbolos do bairro que vêm sendo devastados pela ação das construtoras.

Diferentemente dos demais distritos da cidade, a Mooca possui uma instituição peculiar que exala bairrismo e apego às tradições. É nesse cenário que o Clube Atlético Juventus surge como guardião e mantenedor da memória social do bairro ao qual está indissociavelmente vinculado. Mais que uma mera agremiação futebolística, o clube representa para os mooquenses um baluarte das tradições e da história imigrante e operária do bairro, sendo também fruto desse passado e constituindo-se, assim, como o maior símbolo da Mooca na contemporaneidade.

Os tradicionais moradores locais adotaram o time como um escudo às transformações promovidas no bairro, mormente sob a égide da verticalização que desfigura a característica paisagem urbana fabril, herança do período industrial, no qual a Mooca foi de grande importância para o desenvolvimento da cidade por motivos já elencados previamente.

É preciso conciliar progresso e preservação, desde que o progresso não passe somente pela ambição dos agentes hegemônicos do capital em sua neura de reproduzir mais do mesmo em toda a cidade vislumbrando o lucro em detrimento da preservação do passado dos bairros que ajudaram a elevar a cidade ao patamar de cidade global. Evidentemente, delegar somente aos órgãos responsáveis o papel na proteção de prédios históricos é uma tentativa fraca, é preciso a união entre moradores, Estado e da sociedade como um todo para manter a história dos bairros e salvaguardar peculiaridades inerentes aos mesmos.

Naturalmente, o mercado imobiliário seguirá com sua voraz investida sobre o bairro, fomentando aquilo que Francesc Muñoz denominou como “urbanização”, através da homogeneização das paisagens locais por intermédio do processo de verticalização, banalizando o cenário urbano com inúmeros empreendimentos de torres imponentes que são construídos, por vezes, renunciando à dinâmica local e sem preocupação alguma com a preservação de bens que constituem importantes marcos na história do bairro. Como vimos, esse é um processo flagrante no bairro da Mooca, onde o Clube Atlético Juventus atua como um depositário da história e da memória social do bairro ao qual pertence e do qual é progênito, constituindo-se, portanto, como um baluarte de resistência às indesejadas transformações que desfiguram características ímpares do bairro e como um elemento ao qual os moradores tradicionais da Mooca se apegam enquanto difusor do bairrismo mooquense, do orgulho do passado fabril, operário e italiano frequentemente realçados pelo time da Rua Javari.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia consultada:

ANDRADE, Margarida Maria de. **Industrialização, urbanização e vida de bairro na São Paulo Além-Tamanduateí**. Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole. Tradução. São Paulo: Contexto, 2004. Acesso em: 27 jun. 2022.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. 2000. **“Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo”**. São Paulo: Editora 34/Edusp. 399 pp. Acesso em: 15 jun. 2022.

CARLOS, A. F. A. **A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 23, n. 66, p. 303-314, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10425>. Acesso em: 8 maio. 2022.

GLASS, Ruth. **“London: Aspects of change,”** Londres, MacGibbon & Kee, 1964. Acesso em 7 maio. 2022

KAWAGUCHI, Renata Cardias. **Clube Atlético Juventus: comunicação e cultura no bairro da Mooca**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2012. Acesso em 10 de maio de 2022

LENCIONI, Sandra. **“Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo, a indústria têxtil”**. 1991. Disponível em: largo.filch.usp.br. Acesso em 21 jun. 2022.

MUÑOZ, F. **“Urbanización: paisajes comunes, lugares globales”**. In: VI Foro de participación juvenil en el diseño y evaluación de las políticas de vivienda. Pamplona, España: Documentación do VI Foro..., 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/49113198_MUNOZ_Francesc_UrBANALizacion_Paisajes_comunes_lugares_globales. Acesso em 10 de maio de 2022.

PADUA, Rafael Faleiros de. **«Refletindo sobre a desindustrialização em São Paulo»**, *Confins* [Online], 7 | 2009, posto online no dia 31 outubro 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/6125> e; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.6125>. Acesso em 10 de maio de 2022.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. **Preservação e restauro urbano: teoria e prática de intervenção em sítios industriais de interesse cultural**. 2009. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.16.2009.tde-11052010-171008. Acesso em: 06 de abr. de 2022.

Salgado, I., & Sousa, D., (2019). **A Companhia Antarctica Paulista em São Paulo: memória e patrimônio edificado**. arq.Urb, (19), 51–63. Recuperado de <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/15>. Acesso em 05 de abr. de 2022

SILVA, A.C.E. **Mooca: a especulação imobiliária e os processos de verticalização**. Ana Carolina Estrengue da Silva. São Paulo, 2020. Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Bacharela em Geografia. Acesso em 21 de mar. de 2022

SMITH, N. **GENTRIFICAÇÃO, A FRONTEIRA E A REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO**. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 11, n. 1, p. 15-31, 2007. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74046. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74046>>. Acesso em: 11 de jan.de 2022.

TONE, Beatriz Bezerra. **São Paulo, século XXI: valorização imobiliária e dissolução urbana**. 2015. Tese (Doutorado em Habitat) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi. 10.11606/T.16.2016.tde-08032016-170640. Acesso em 08 de maio de 2022.

Imagens utilizadas:

Figura 1: <https://br.pinterest.com/pin/523613894152187891/>

Figura 2: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/mooca-mooquensers-capal/>

Figura 3: <https://sampahistorica.wordpress.com/2017/01/09/cotonificio-crespi-2/>

Figura 4: <https://blog.arboimoveis.com.br/cidades/morar-na-mooca/>

Figura 5: <https://www.lorenzetti.com.br/a-empresa>

Figura 6: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/25818-projeto-de-campus-no-antigo-moinho>

Figura 7: <https://fashionunited.com.br/news/business/fatos-e-numeros-de-marcas-de-moda-do-brasil-alpargatas-1548778174/2019012587436>

Figura 8: <https://m.facebook.com/portaldamooca/photos/uma-bel%C3%ADssima-foto-a%C3%A9rea-do-condom%C3%ADnio-luzes-da-mooca-tendo-ao-centro-o-antigo-c/2072067382940019/>

Figura 9: <https://www.facebook.com/VivaMooca/posts/1465522623624138/>

Figura 10: <https://escudosgino.blogspot.com/2018/10/cotonificio-rodolfo-crespi-fc-sp.html>

Figura 11: https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g303631-d7187518-i245320013-Estadio_Rua_Javari-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html

Figura 12: <http://kitsdls.blogspot.com/2017/01/juventus-da-mooca-1617-dls16-fts-by.html>

Figura 13:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/27/deportes/1538078493_578865.html

Figura 14: <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/estadio-conde-rodolfo-crespi-juventus/>

Figura 15: <https://m.facebook.com/famigliasetor2/photos/>

Figura 16: <http://www.juventus.com.br/servicos/secretaria/associe-se/>

APÊNDICE A - Entrevistas

Segue em anexo as transcrições, na íntegra, das entrevistas realizadas na elaboração deste trabalho. Buscou-se ouvir a opinião de moradores e comerciantes do bairro acerca das transformações promovidas pela verticalização na dinâmica da Mooca como um todo, sobretudo na transformação da paisagem com a construção das imponentes torres residenciais que descaracterizam a paisagem industrial, herança do passado do bairro, além é claro da relação existente entre os moradores, o bairro e o Clube Atlético Juventus.

PRIMEIRA ENTREVISTA: o primeiro entrevistado foi Carlos Eduardo, 53 anos, bancário e morador do bairro da Mooca há 19 anos. Abordado em uma casa lotérica vestindo a camisa do Clube Atlético Juventus, ele aceitou conceder uma entrevista acerca da relação que tinha para com o bairro em que reside e para com a agremiação esportiva do bairro.

Pergunta: Enquanto morador da Mooca, como você define essa relação entre o Juventus e o bairro?

Carlos Eduardo: *“Para mim é uma relação de pai e filho. Não existe o Juventus sem a Mooca e a Mooca não seria o que é não fosse o Juventus. O time é o símbolo do bairrismo mooquense, é o orgulho dos moradores locais, é o elemento que melhor representa a Mooca. Ninguém chama o time de Juventus, mas sim Juventus da Mooca, porque há essa relação de pertencimento visceral, de que o clube não existe sem o bairro e de que o bairro não seria a referência que é não fosse o clube. A existência de um está associada à do outro. O time é um retrato fidedigno da formação e da história da Mooca: construído por operários, de origem italiana e fiel as suas raízes. Que outro bairro de São Paulo tem um time para chamar de seu? Nenhum, meu! Você pode ir para a Vila Mariana, na Brasilândia, Freguesia do Ó, Capão Redondo, se estiver trajando o manto grená automaticamente vão saber que você é morador da Mooca ou, no mínimo, um amante do bairro mais tradicional de São Paulo. É por isso que a gente fala que a Mooca é Mooca e o resto é bairro”.*

Pergunta: E de onde surgiu essa frase “A Mooca é Mooca, o resto é bairro”?

Carlos Eduardo: *“Sem querer desmerecer a história por trás da formação dos bairros da cidade, eu posso afirmar que a Mooca é o bairro que melhor cultiva suas tradições e exalta seu passado. A cidade inteira hoje é muito ligada ao novo, ao moderno, um progresso descompromissado com o passado. Na Mooca não, aqui a gente exalta o passado, as tradições, a herança italiana e perpassa a história de geração em geração. O Juventus é a síntese disso tudo. É um espelho do bairro. É o espaço físico, a materialização do orgulho bairrista e da história e origem da Mooca, é o elemento ao qual o mooquense se apegava para resistir as transformações promovidas pelo capitalismo na cidade como um todo. Há até uma parcela local que critica esse apego ao passado, que isso acaba evitando processo de melhorias no bairro, mas para mim e para todo mundo que conheço o bairro é bom como é. A gente tem bandeira, tem*

até hino próprio, fora um dialeto peculiar ao bairro. É por isso que nos intitulamos República da Mooca, não é nenhum movimento separatista obviamente (risos) mas sim uma exaltação ao bairrismo existente aqui, ao orgulho de pertencer à Mooca. Nós que somos daqui amamos esse bairro, é um amor diferenciado, que vem de berço. Eu não vejo nenhum paulistano exaltar seu bairro como o mooquense exalta a Mooca. É uma relação singular, acho que isso define bem, uma relação singular”.

Pergunta: E o que o Juventus representa para a Mooca?

Carlos Eduardo: *“Em uma única palavra, resistência. Tem muita gente que fala que juventino vive do passado, que o time tende a desaparecer por não se adaptar à nova ordem do futebol onde o dinheiro fala mais alto. Eu particularmente não concordo, a gente pode até ser uma ilha, mas muita gente que se identifica com o futebol raiz, apegado ao tradicional, encontra no Juventus da Mooca a resistência ao futebol teatral e midiático. Futebol é um esporte democrático, aqui no Brasil mesmo ele começou a ser praticado no interior das fábricas, com o povão. É um esporte do povo. O Juventus é o símbolo disso tudo, criado a partir da iniciativa de operários, dos imigrantes italianos, e relutante à espetacularização bizarra do futebol. O futebol hoje está muito chato, muito teatral, querem ditar regras de como você tem que se comportar, de como deve torcer, proibem bandeiras, cânticos provocativos, é muita choradeira por parte da mídia, querem ditar até as rivalidades... ora, rivalidade sempre existiu, é a essência do futebol. Hoje o jogador não pode mais nem comemorar na frente da torcida adversária ou aplicar um drible desconcertante que já tratam como desrespeitoso, antiético, um discurso completamente sem fundamento. Aqui no Juventus não tem nada disso, aqui o torcedor pode se pendurar no alambrado, provocar o adversário, fazer a festa na arquibancada, enfim, aqui se torce como se torcia na época da popularização do futebol no Brasil, graças a Deus, é isso que faz do nosso clube um símbolo. Nos tornamos símbolo do futebol no seu mais puro estado e isso é bom. O mooquense se apegua às tradições e cultua a memória e o passado como nenhum outro bairrista, se é que existe algum outro morador bairrista como o mooquense, provavelmente não”.*

Pergunta: O bairro da Mooca tem passado por um demasiado processo de verticalização na última década. Como morador do bairro, você julga que tal alastramento de empreendimentos imobiliários tendem, além de transformar a paisagem, a apagar o passado industrial e a italianidade inerentes ao bairro?

Carlos Eduardo: *“Claro que sim, se você perguntar isso para dez moradores antigos do bairro todos vão te falar que sim. Pode não apagar tudo, afinal muita coisa nossa a população daqui faz questão de perpetuar, mas a herança industrial, por exemplo, acaba por vezes virando pó, cai no esquecimento. Não é só a Mooca que tem sofrido com a ganância das construtoras. Atualmente a cidade de São Paulo está uma desgraça, por onde eu passo reparo que todo terreno vira prédio, não tem mais parque, praça, nada, tudo é prédio, torres megalomaníacas, parece uma competição bizarra das construtoras para ver quem constrói o pombal mais imponente da cidade, e no final quem paga as contas é a própria cidade que fica cada vez mais horrível e ruim de se viver. A Mooca sempre foi, em potencial, um ambiente propício para*

atuação da especulação imobiliária. Quem cresceu aqui sabe a riqueza industrial que esse bairro acolheu. Meu avô trabalhava no moinho Gamba, enquanto criança brinquei muita ali naquela região, com crianças que cresceram junto comigo e que permanecem na Mooca até hoje, acredita? O problema é que com a desindustrialização do centro urbano a atuação das indústrias na Mooca foi ficando cada vez menos rentável, e como tudo que não dá lucro, ou que dá mais prejuízo do que lucro, muitas dessas indústrias saíram do bairro. Aí você pensa, uns baitas terrenos largados as traças, com os prédios destruídos pelas intempéries do tempo e que com o passar dos anos passaram a ser considerados retrocesso em prol da modernidade que novos empreendimentos residenciais poderiam trazer à área. Tinha aí o terreno fértil para atuação da especulação imobiliária. A verticalização que a gente vê hoje é fruto de todo esse processo, não é algo que começou de uma hora para outra porque a Mooca passou a ser um bairro “cool” da noite para o dia. Tem uma série de precedentes, obviamente. E é claro que a construção desses empreendimentos acarreta transformações, não só na paisagem, mas na dinâmica do bairro como um todo. A arquitetura industrial é devastada e deixada no passado; O tráfego é alterado, novos comércios chegam ao bairro atraídos pelo adensamento de novos moradores que ocasionam novas demandas... Há uma transformação geral, sobretudo do perfil populacional que passa a habitar o bairro. Se você der uma olhada lá na região do parque, não tem nada voltada para classe média não. Eles constroem prédio para quem tem grana, e muita grana para desembolsar. No meu caso, poderia ter grana de sobra que não me interessaria. Eu gosto de morar em casa, sempre morei e nada vai me fazer mudar para um apartamento por mais confortável que seja”.

Pergunta: Então, na sua opinião, essa verticalização desenfreada pode contribuir com o apagar da memória do bairro? E como você enxerga essa relação dos novos moradores com o Juventus? Ela existe ou não?

Carlos Eduardo: *“É um processo em andamento, mas acredito que a Mooca, pelo bairrismo que tem, é o único bairro que pode lutar contra isso. É como eu falei, nenhum morador ama tanto o bairro a qual pertence como o mooquense ama a Mooca. A gente não vai deixar destruírem o legado dos nossos antepassados. A Mooca é resistência ao novo imposto pelo capital. Somos o que somos porque cultuamos nossa história e transmitimos esse legado de bairro operário e italiano de geração em geração. Quanto a relação desses novos moradores com o Juventus, vamos lá... talvez ela até exista, mas não com o time de futebol, e sim com a sede social, afinal é uma das únicas opções de lazer em família do bairro e muitos dessa classe média alta que passaram a residir na Mooca se tornaram sócios do clube para poder desfrutar da infraestrutura. É o cara que vai jogar tênis, fazer natação. Rua Javari? Esquece. Você acha mesmo que esse tipo de gente tem disposição para sentar a bunda no concreto quente do estádio às 10 horas da manhã ou três horas da tarde para incentivar e cantar por um time com o qual não estabeleceram nenhuma relação de berço? Sem chance. Esses aí sentam a bunda em cadeira numerada no Allianz Parque, no Morumbi. Nunca se penduraram num alambrado em dias de chuva. Deve até ter uns que podem até gostar do time, muita gente que aprecia o futebol raiz adora o Juventus, mas daí a dizer que vai ser frequentador assíduo do estádio e participar da família Juventus, sem*

condição. E eu vou falar para você, para mim que não vive o Juventus não vive a Mooca. É indissociável”.

SEGUNDA ENTREVISTA: Foi realizada uma entrevista com Rodrigo, 43 anos, professor de matemática, morador do bairro e torcedor do Juventus da Mooca, frequentador assíduo do estádio na rua Javari e integrante da torcida organizada Setor 2. Nascido no bairro, ele detalhou os processos de transformação em curso no distrito e a importância do time de futebol para a história e o bairrismo mooquense.

Pergunta: Como você define o Juventus da Mooca e a relação do time para com o bairro?

Rodrigo: *“Cara, é complicado, complexo na verdade... Não consigo definir para você o Juventus da Mooca de forma racional, apenas de forma passional, porque o Juventus é algo que se vive, se sente, se pertence. Nossa torcida é pequena, a gente sabe, mas é diferente. É uma torcida que empurra, que incentiva independente da fase do time, que há anos não é boa. E tem mais, nossa torcida é uma família. Dependendo do setor do estádio todo mundo conhece todo mundo, e não é exagero não. Sou associado da Setor 2 e lá a gente se conhece, se chama pelo nome, é uma grande família na verdade. Tem torcedor que está em absolutamente todos os jogos na Javari, faça chuva, faça sol. Como explicar esse apego ao time de forma racional? Não tem como, ninguém consegue. E o mais legal é que essa paixão é passada de geração em geração. Os torcedores de idade vão falecendo, mas deixando ali a sementinha do Juventus implantada em filhos e netos que aprendem a amar o time e o bairro desde cedo. Tudo bem, o cara pode até torcer para o São Paulo, para o Corinthians, para o Santos, mas todo mooquense tradicional, aquele cara do bairro, tem o Juventus como time do coração. É uma paixão que transcende, que não se restringe aos dias de jogo, é algo do nosso dia a dia. Se você circular pelo bairro agora mesmo, numa terça feira a tarde e chuvosa, vai encontrar três ou quatro malucos no mínimo vestindo a camisa do Juventus da Mooca, vai ver gente com boné do time, tatuagem, vai ver o escudo grafitado em comércios, postes nas cores grená e branco, bandeiras da Itália com o escudo do time ao centro, adesivo do Juventus na traseira dos veículos, enfim... é algo que vai para fora dos muros do estádio, que permeia o bairro. É um elemento de identificação, fora da Mooca você conhece um mooquense caso ele esteja com algo referente ao time. O Juventus é o maior símbolo da Mooca, é consenso. É como eu falei, uma paixão que passa de geração em geração, domingo de manhã as arquibancadas ficam lotadas de criança... a gente olha isso e pensa, poxa, o Juventus da Mooca nunca vai acabar, porque time que tem torcida não acaba, e time que pertence à um bairro apaixonado como a Mooca muito menos”.*

Pergunta: Como o Juventus se tornou um símbolo de resistência ao futebol moderno e às transformações em voga no bairro da Mooca?

Rodrigo: *“O Juventus da Mooca sempre foi um time com muito orgulho de sua origem italiana e operária. A história do clube é sempre ressaltada, seja em faixa de torcidas na arquibancada, seja na memória dos torcedores mais antigos que vivenciaram o período de glórias do clube na década de 80 ou mesmo daqueles que viram os*

primeiros passos do time na profissionalização. A gente tem orgulho de ser o que é, de exaltar nosso passado. Não significa que paramos no tempo, é claro que apesar das imensas dificuldades financeiras que vem aterrando o clube há décadas, todos torcem por um time competitivo, que volte a figurar na prateleira principal do futebol brasileiro... tudo isso é uma realidade distante, mas a gente tem fé e tem San Gennaro, devagar e sempre, quem sabe um dia podemos voltar a reviver as glórias futebolísticas do passado. Hoje em dia tem aí a discussão do clube empresa, a tal da SAF, e o Juventus da Mooca já entrou no radar de uma empresa investidora italiana que eu nem fazia ideia de que existia e que tá cheia de projeto de modernização e tudo mais, para o time e para a estrutura do clube como um todo. Nem preciso dizer que ou contra. O Juventus é e sempre foi um clube da torcida, que pertence exclusivamente à Mooca e seus moradores/torcedores. Se vender é apagar nossa história, nossas batalhas, o esforço de todos envolvidos na formação operária desse clube. Tirar isso da gente e entregar a uma empresa privada seria enterrar a tradição de um bairro, matar a essência do nosso clube. É se tornar objeto de uma empresa que vai simplesmente nos explorar economicamente em troca de migalhas. O Juventus não é isso, a Mooca é contra isso. O mooquense é consciente do quão prejudicial essa venda seria, uma descaracterização de tudo que esse time representa para o bairro e para os moradores. Vamos lutar contra esse processo e fazer valer o mantra que o time adotou nos últimos anos, de ser o símbolo do futebol raiz, o remanescente clássico do esporte bretão em seu mais puro estado, de ser contra o futebol moderno. Afinal, a gente só é o que é hoje por ser resistência à mercantilização do futebol. Quanto às transformações no bairro, eu acho natural que a Mooca se torne alvo da especulação imobiliária, afinal de alguns anos para cá passaram a vender a ideia de que o tradicional é feio, ultrapassado. Óbvio que um bairro cuja paisagem era predominantemente tomada por edifícios industriais passaria a ser considerado sinônimo de atraso, de algo que parou no tempo, que precisa se modernizar para acompanhar o ritmo da cidade. Também existe a demanda por habitação na cidade de São Paulo como um todo, mas aqui não existe um empreendimento sequer voltado para população de baixa renda. São apartamentos voltados para um público muito específico, o cara que tem dinheiro e quer viver num bairro tranquilo, tradicional e próximo ao centro. É claro que as construtoras exploram esse lado tradicionalista da Mooca, essa sensação de pertencimento criada pelos moradores que aqui residem desde sempre. O problema é, que como eu disse, não são residências voltadas para o povão, no português claro, mas sim para um público específico que não vai vivenciar o bairro e nem se orgulhar dele como os moradores que aqui estão desde o berço. Eles não possuem essa ligação histórica com o local, buscam apenas conforto e comodidade, o famoso morar bem. Não é alguém que vai aparecer no estádio da Javari, comer cannoli às 10 horas da manhã de um domingo e entoar gritos bairristas de orgulho de pertencer ao bairro. É simplesmente alguém que quer morar bem e que renuncia ao bairro, renúncia a tudo aquilo que a Mooca pode proporcionar, simplesmente para se manter ali, naquele espaço protegido, uma ilha no meio do bairro, que vende a ideia de segurança. Eu vejo cada prédio aqui como uma ilha individual em meio à coletividade do bairro”.

Pergunta: Então, na sua opinião, esses novos moradores são atraídos para a Mooca em virtude única e exclusivamente da proximidade com a região central?

Rodrigo: *“Resumidamente, eu acho que sim. Os projetos lançados aqui são imponentes, deslumbrantes, como rico gosta... Os terrenos geralmente são enormes, afinal alojavam complexos indústrias num passado não tão remoto. Isso permite com que as construtoras realizem projetos robustos, requintados, que ofereça tudo que alguém que quer morar bem, sem abrir mão do que a proximidade com o centro da cidade pode oferecer. Sem contar que a Mooca é centro também e as incorporadoras descobriram o potencial econômico existente no bairro. Aqui tem tudo, comércio amplo, universidades, supermercados diversos, farmácia, clube, academias, bem servido de linhas de transporte, com a chegada de mais uma estação da linha verde futuramente. Quem vem morar aqui pensa nisso, claro que tem a questão da tradição, mas quem reverência a Mooca são seus moradores antigos, esse sim são bairristas, não esse novo perfil que chegou na última década. Sem contar que é um bairro que reúne tudo que um local necessita para valorizar constantemente, quem investe aqui tem isso em mente, sabe que pode aumentar o valor aplicado num curto espaço de tempo pois a Mooca é um bairro com imenso potencial sobre a ótica do mercado imobiliário. É por isso que houve essa expansão do mercado imobiliário na região, entende? Uma soma de fatores que, em um denominador comum reflete lucro e mais lucros para as construtoras. Todo terreno vago na região tende a virar prédio, prédio e mais prédio. É uma pena porque o bairro fica horrível falando da perspectiva da paisagem, só ver o que aconteceu com bairros que sofreram a investida da verticalização cidade afora. Sem contar a descaracterização da Mooca enquanto um tradicional bairro operário, algo que poderia ser notado na paisagem há algumas décadas. Mas é isso, tudo em nome do dito progresso né. Talvez o azar da Mooca seja estar situada na maior cidade do País, no maior centro financeiro da América do Sul, não sei, pode ser uma visão equivocada, mas se fossemos sei lá, de uma cidade como Bento Gonçalves, Petrópolis, esses locais que são cidades e não um distrito, seria muito mais fácil resistir às investidas do capital e seus interesses na produção do espaço. Sendo parte de uma metrópole como São Paulo, é difícil nadar na contramão da lógica capitalista”.*

TERCEIRA ENTREVISTA: Foi realizada uma entrevista com Gabriella, estudante do curso de arquitetura e urbanismo da faculdade Anhembi Morumbi, situada na Mooca, e frequentadora do bairro e do Clube Atlético Juventus. Com um olhar crítico acerca das transformações paisagísticas no bairro, ela apresentou suas percepções acerca do processo de verticalização na região e as consequências do avanço dos empreendimentos imobiliários na desfiguração da paisagem industrial de um dos bairros mais tradicionais da cidade.

Pergunta: Você reside no bairro da Mooca? Se sim, há quanto tempo?

Gabriella: *“Na verdade não, meu avô é quem morava aqui. Quando criança frequentava muita a casa dos meus avós, sobretudo no fim de semana quando meus*

pais tinham que ir trabalhar e não tinha escola para me deixarem. Com isso acabei tendo uma relação forte com meu avô e minha avó. Eles praticamente nasceram na Mooca e se orgulham demais do bairro. Eu sempre via o orgulho com que meu avô se referia ao bairro, ele era apaixonado por isso aqui e todo mundo das proximidades tinha uma relação muito bacana com ele. Sempre aos domingos ele me levava para assistir jogos do Juventus, naquela época eu nem gostava tanto de futebol, mas sei lá, de tanto ver aquela relação dele com o clube passei a gostar bastante do time. Ele tinha um jeito meio ranzinza, mas sempre que o Juventus ganhava, ele se abria, ficava extremamente feliz, era como se a felicidade dele tivesse vinculada ao time, uma coisa muito curiosa. O Juventus representava muito para o meu avô, a felicidade dele estava muito vinculada ao desempenho do time. Ele era um filho da Mooca, assim como o time, tinha um orgulho imenso do bairro, eu não entendia o porquê quando criança, mas fui amadurecendo e entendendo o porquê o time era tão importante para ele, é porque o time era como um irmão para ele, entende? Depois que ele faleceu, em 2014, eu passei a adotar o Juventus como time, é algo que me faz lembrar muito dele, foi uma pessoa muito especial para mim. Estar naquelas arquibancadas humildes me remete a ele, ver as pessoas mais velhas com seus netinhos... é algo muito marcante para mim, me faz bem, é como se eu pudesse voltar a ter momentos especiais com ele ali. Mas enfim, melhor parar por aqui senão vou chorar (risos)”.

Pergunta: Enquanto estudante de arquitetura e urbanismo, como você enxerga esse processo de verticalização da Mooca?

Gabriella: *“Na verdade esse é um processo que não é exclusivo da Mooca... é algo endêmico, em quase toda a cidade de São Paulo praticamente, desconsiderando aqui as regiões periféricas que é para onde as maiores vítimas desse processo, que é população de baixa renda, é chutada. Moro em bairro vizinho, na Vila Prudente, e o processo de verticalização por lá também está intenso, sobretudo depois da construção do monotrilho, da linha 15 prata do metrô, que trouxe uma certa valorização à região. A diferença da verticalização que ocorre lá para a que ocorre na Mooca, a meu ver, foi o processo de especulação imobiliária. Aqui, a Mooca, foi palco do processo de industrialização na cidade de São Paulo. Não que a Vila Prudente não tenha recebido fábricas, pelo contrário, recebeu bastante também, inclusive a da Ford, no terreno que hoje dá lugar ao shopping Mooca, que é na Vila Prudente, mas que chamam de shopping Mooca, não sei por que (risos). Mas voltando, a Mooca foi pioneira, foi aqui que os grandes complexos industriais se instalaram, o que evidentemente demandava terrenos amplos para a instalação do complexo fabril e da produção industrial. Com a saída dessas indústrias para regiões mais interioranas a partir do momento que a cidade se expandiu e que a produção num polo central como a Mooca passou a apresentar mais desvantagens do que vantagens, esses terrenos começaram a ser “abandonados”, deixados de lado, e ficaram assim por um espaço de tempo. Basicamente tinha-se aí a receita perfeita para os especuladores, pois com as melhorias do bairro associado a todo o lance do tradicional e da localização privilegiada devido à proximidade com a região do centro velho, a Mooca entrou forte no portfólio das construtoras. Com o boom imobiliário, perceptível até pelos mais leigos numa simples observação da paisagem de inúmeras regiões, muitos bairros se*

transformaram na ótica paisagística, e a Mooca é um dos bairros que mais simbolizam essa transformação. No caso da Vila Prudente, não havia tantos terrenos enormes assim, e creio que o bairro só passou a sofrer com a especulação imobiliária há pouco tempo, tanto que muitos dos terrenos em que estão sendo erguidos torres residenciais foram recém adquiridos, locais que abrigavam geralmente postos de gasolina, estacionamentos, auto shopping, restaurantes... enfim, acredito que esteja mais ligado à construção do monotrilho, não tem uma referência marcante no passado que explique a verticalização presente como foi o período industrial para a Mooca”.

Pergunta: Você enxerga essas transformações paisagística promovida pela verticalização como potencial risco de esquecimento do legado industrial da Mooca para a cidade de São Paulo?

Gabriella: *“Hum, boa pergunta. Sempre vi algo de diferente nos moradores da Mooca frente aos demais bairros de São Paulo, que é o apego ao passado. Meu avô mesmo era assim. Muitos dos antigos moradores trabalharam nessas indústrias que outrora compunham de forma marcante a paisagem do bairro. Se você perguntar para eles o que acham dessa expansão do mercado imobiliário no bairro, com certeza vai ter uma resposta não muito alinhada ao interesse das construtoras. É uma população que prega pela memória do bairro, pela manutenção arquitetônica característica da Mooca enquanto bairro pioneiro na industrialização paulistana. Agora se você perguntar para um morador recém-chegado no bairro, com certeza vai ouvir outro tipo de resposta. Alguém que não teve relação com o passado do bairro não vai ligar se um prédio industrial x ou y vai se manter de pé ou vai ao chão; pelo contrário, para ele quanto mais torres mais o bairro se torna valorizado. São pessoas sem ligação com o bairro, entende? Para eles o que vale é o presente, não o passado. Agora minha opinião, vamos lá: por ser um bairro muito bairrista, acredito eu que por mais que avance a verticalização, haverá resistência dos moradores. Um exemplo legal disso é o que aconteceu com o Cotonifício Rodolfo Crespi, quando tentaram atribuir um novo uso ao prédio que a instalação de um mercado que iria desfigurar completamente a arquitetura do edifício, tudo isso acabou despertando a associação de moradores que revoltada se mexeu na busca de dispositivos jurídicos que impedissem a realização inicial do projeto, alterando somente parte da fachada do prédio para adaptar o complexo ao novo uso que se queria atribuir. Aqui no curso a gente estuda muito esse caso. Por isso eu digo que não vai ser algo tão fácil de se disseminar, muito porque é um bairro tradicional, como eu te disse. Há outros exemplos, para o bem e para o mal: essa própria universidade foi construída no terreno que outrora abrigou a Alpargatas, que muita gente usa sem nem saber que eram fabricadas aqui. Mas apesar da possibilidade de suplantação dessa história pelo avanço da verticalização, acredito que os habitantes da Mooca, por serem muito saudosistas, tendem a atenuar ou mesmo frear uma tentativa de dissociação do passado do bairro. Tenho para mim que, no que depender dos moradores tradicionais da região, o legado industrial, a italianidade associada a esse passado e tudo que contribuiu para a formação da Mooca ser o que é hoje deve ser perpetuado. Não se trata de um bairro superficial, é um bairro com raízes históricas”.*

QUARTA ENTREVISTA: Foi realizada uma entrevista com Dionísio, 67 anos, dono de uma banca de jornais no bairro e morador da Mooca há 37 anos. Em sua banca, foi possível averiguar alguns pôsteres de times marcantes do Juventus que chamaram a atenção e despertaram o interesse em interpellá-lo.

Pergunta: Reparei alguns pôsteres do Juventus aqui na sua banca. Para você, o que o Juventus significa para a Mooca?

Dionísio: *“O Juventus, com certeza, é o maior símbolo da Mooca. É uma simbiose. Você vê a camisa do Juventus e já associa ao bairro. É uma história em comum. Quem é do bairro invariavelmente admira e torce para o time e quem torce para o Juventus admira e mora na Mooca, ou gostaria de morar na Mooca. E o Juventus não é uma agremiação que parou no tempo como muita gente diz. Tudo bem, tem gente que não conhece o time, os rivais nos chamam de time de bairro, mas e daí? O que tem de errado em ser um time de bairro? Antes cada bairro tivesse um time para chamar de seu, o torcedor iria se sentir muito mais pertencente àquela coletividade local, àquele espaço físico. Tudo isso a gente, aqui da Mooca, tem com o Clube Atlético Juventus, com a sede social do clube e com o estádio Conde Rodolfo Crespi. É algo muito peculiar, familiar, um sentimento passional genuíno, você passa a gostar do time por ser parte dele. Não é algo que você sente torcendo para algum time do trio de ferro da capital. É um sentimento enraizado, local, aqui da Mooca, um orgulho para nós. Quem é da Mooca ama a Mooca, ama a riqueza histórica e cultural desse bairro, a gastronomia, a herança italiana... quem é daqui não quer sair daqui”.*

Pergunta: E como você descreve o bairro da Mooca e essa sensação de pertencimento?

Dionísio: *“Meu amigo, a Mooca é um lugar extremamente tranquilo para morar e muito bom para trabalhar. Eu cheguei aqui há 37 anos atrás. Antes de morar aqui eu residi em três bairros diferentes de São Paulo: em Santana, na zona norte, no Tatuapé e em Itaquera. Meu pai nunca teve residência fixa, batalhava um danado como engraxate, e aí sabe como é, era uma vida cigana, um aluguel mais barato aqui nos atraía, depois se mudava de novo para um local com valor mais atrativo, enfim. Minha infância foi toda em Santana, ali nas proximidades do Jardim São Paulo, como eu era criança e minha rotina era basicamente brincar e estudar, achava o bairro tranquilo, tanto que quando nos mudamos para Itaquera eu senti uma diferença, era um lugar muito mais precário, com menos infraestrutura. Quando atingi a maioridade sai de casa, meu pai voltou para o Sergipe e eu decidi ficar aqui, tentar a sorte, na cara e na coragem. Nesse tempo consegui alugar uma pequena casa no Tatuapé junto com dois amigos, trabalhava duro como vendedor numa loja de tecidos e o pouco que restava ia juntando para buscar melhorar de vida. Surgiu então a oportunidade de vir morar na Mooca, numa casa que me foi indicada por um amigo e que mais tarde eu acabei comprando junto com minha esposa. Assim que cheguei me apaixonei pelo bairro. É difícil explicar, parece até exagero ou sentimentalismo utópico, mas a Mooca é diferente dos demais bairros, falo por experiência própria. A vida aqui é outra, tem aquele clima de interior, de que todo mundo se conhece, e tudo isso imerso na frenética vida urbana de São Paulo. E te digo mais, é um bairro tranquilo, aqui na*

Mooca eu nunca fui assaltado, e nem presenciei nenhum assalto, furto, ou delito do tipo. Não é que não tenha, longe disso, afinal em tudo quanto é lugar ocorrem delitos, é um problema do país como um todo, sobretudo depois da pandemia quando a violência cresceu de forma exponencial, mas aqui, de modo geral, pela posição geográfica que ocupa e tudo mais, pelo fato de ser um bairro da zona leste, do lado do centro, pela quantidade de residências, por todos esses fatores, concentra um número baixo de roubos, furtos etc.”.

Pergunta: Enquanto comerciante local, você tem denotado mudanças no comércio do bairro com a chegada dos novos empreendimentos imobiliários?

Dionísio: *“Ah sim, bastante perceptível até, mas é algo normal, é um novo público, logo há novas necessidades. O que imperava na região até então eram padarias, pizzarias, serviços gastronômicos de um modo geral. Agora não, é um comércio mais diversificado, tem diversos salões de cabeleireiro, tabacaria, pet shop, drogarias. Enfim, dá para dizer que o comércio se expandiu de forma notória, foi na contramão das maiorias dos lugares pois cresceu mesmo em meio à crise causada pela pandemia do Covid-19. Dependendo da porção do bairro que você passar, é difícil você encontrar uma placa de vende-se ou aluga-se. Para mim, pelo menos, isto está muito atrelado à chegada desses novos moradores. Antigamente era um comércio mais homogêneo, mais característico, basicamente a Mooca era um polo de referência da gastronomia italiana em São Paulo, agora o bairro já não se reduz apenas a isso”.*

Pergunta: Aproveitando a sua fala, você acha que o ícone da italianidade do bairro tende a se perder com esse novo perfil de moradores que a Mooca vem recebendo, muitos sem vínculo com o passado operário e imigrante do bairro?

Dionísio: *“Sinceramente, acho que não. A Mooca enquanto ícone italiano em São Paulo já é algo muito concretizado no imaginário do paulistano. A Mooca é associada à Itália como o Japão é associado à Liberdade, entende? Existem vínculos entre esses países e esses bairros e isso já é algo muito consolidado na história da cidade de São Paulo. O maior prejuízo, do meu ponto de vista, é paisagístico. Constroem muitos prédios e vão demolindo os edifícios industriais em desuso. A Mooca também foi sempre muito associada à riqueza industrial de São Paulo no século passado, algo que perdurou no tempo muito em função da manutenção do legado arquitetônico deixado na paisagem do bairro. Com essa mudança, essa substituição digamos assim, muito provavelmente as futuras gerações já não vão enxergar esse legado do bairro, vai se tornar algo do imaginário, não mais algo concreto, objetificado ali na paisagem para todo mundo ver e entender que foi algo importante do passado do bairro. Vai se apagando a memória, sabe? Esse avanço acelerado da construção de prédios em São Paulo, como um todo, tende a descaracterizar muitos bairros, torná-los a mesma coisa, compreende? Um aglomerado de prédios, uma paisagem cinzenta, feia”.*

Pergunta: Você acha que o bairrismo mooquense pode servir de resistência a esse processo de homogeneização paisagística promovido pela verticalização?

Dionísio: “Bom, essa é uma questão complicada. A Mooca é um bairro peculiar, isso eu posso garantir, o mais bairrista dos bairros da cidade, local de moradores saudosistas. Nós da Mooca somos saudosistas mesmos, gostamos das coisas como são. Por isso dizemos que existem bairros e existe a Mooca, é um outro estágio, sabe? Nos chamam de velhos, retrógrados, mas e daí? Assim como gostamos do futebol raiz gostamos do bairro como é, com casas, com edifícios industriais, com a herança italiana que tão bem nos caracteriza. Não é ser contra o novo, é ser contra um novo que desrespeita nossa história, que transforma o que não tem que ser transformado. Prédio é feio, estraga a paisagem, pior ainda quando se perde patrimônios industriais que já deveriam estar tombados há anos e que não estão por negligência do poder público. Se apaga a história dos lugares para construir a porcaria de uma torre que detona a vista do bairro. É um lugar de gente que tem orgulho das raízes italianas, da origem operária, do time de futebol nascido no bairro e pertencente ao bairro. É um local com memória social e com moradores orgulhosos, orgulhoso no bom sentido é claro, por isso acho que continuará cultuando o tradicionalismo do bairro. Isso é o que nos diferencia dos demais, nem mesmo o tempo e suas transformações apagam nossa história, enquanto ela for passada de geração e geração e cultivada, ela se perpetuará. É por isso que a gente defende que a Mooca é a Mooca e o resto é bairro, muito mais do que um local em que simplesmente moramos, é um local que vivenciamos. É complicado para quem não é daqui do bairro entender essa relação, porque não é algo meramente superficial. É difícil até explicar, por isso a gente responde com mil e uma firulas e sem um raciocínio embasado na lógica, sei lá (risos)”.

QUINTA ENTREVISTA: Foi realizada uma entrevista com George, 46 anos, cabeleireiro e morador da Mooca há 22 anos. Dono do salão há 16 anos, George contou um pouco de suas impressões acerca das transformações no comércio local na última década e da sua relação com o bairro.

Pergunta: É possível averiguar entre os moradores da Mooca, sobretudo os mais antigos, um orgulho de pertencer ao local. Você disse que chegou aqui já adulto, como foi desenvolvendo a admiração pelo bairro?

George: “Sim, eu cheguei aqui com 24 anos, quando sai da casa dos meus pais em busca de independência financeira. Eu já trabalhava como cabeleireiro no Jardim Guairacá, onde eu morava com meus pais, foi quando um amigo meu, também cabeleireiro, me convidou para alugar em sociedade um salãozinho pequeno na Rua Olímpio Portugal. A gente trabalhou lá durante um bom tempo, mas depois ele acabou passando em um concurso e abandonou o ramo, foi quando eu vim parar aqui (George se refere ao salão do qual é proprietário, localizado na Rua dos Bancários), no começo pagando aluguel, mas com o tempo e muito sacrifício consegui comprar para ter uma independência maior, sair do aluguel. E na verdade foi assim, trabalhando aqui que comecei a desenvolver uma relação com a Mooca e me mudei para cá também. Acho um bairro muito bom, tranquilo, sossegado e de gente do bem. Eu acho que o cidadão da Mooca se intitula como cidadão mooquense antes mesmo de ser paulistano, a gente gosta de comemorar e fazer as festividades no aniversário do bairro, de sair na

rua com a camisa do Juventus que é símbolo do nosso bairro. É diferente, por exemplo, do cara que veste a camisa do Corinthians ou do São Paulo, esses fazem parte de uma torcida, mas não são associados diretamente a um bairro como o juventino é. O Juventus da Mooca é mais que um simples time de futebol, é um ideal, a representação de um bairro, só a Mooca tem isso aqui em São Paulo. Gosto demais de morar aqui, de ter essa relação com o bairro, minha mulher é o contrário, ela já não gosta muito, vira e mexe vem com umas ideias de se mudar daqui, para uma casa maior, já que a gente ainda mora de aluguel, mas vê se pode? Já falei, pode tirar essa ideia da cabeça. Se eu tivesse grana não hesitava em comprar um desses apartamentos novos e grandões que constroem aqui não. Eu nem gosto de apartamento, acho que de certo modo sua vida fica muito cerceada, restrita, mas sei lá... é a nova tendência né, morar em um apartamento, é por isso que a cidade tem cada vez menos casas e cada vez mais e mais prédios. Para quem pode pagar é uma alegria”.

Pergunta: Na sua visão, muita coisa mudou com a chegada desses empreendimentos de alto padrão ao bairro?

George: *“Mudaram algumas coisas sim, o que eu notei foi um maior fluxo de veículos no bairro. Algumas vias passaram a ter congestionamentos diário, era algo raro de se ver antigamente, quando não havia tantas residências, eu creio que seja algo diretamente relacionado pois são em vias próximas a esses novos prédios, o que se percebe também é que há muitos carros luxuosos, coisa de quem tem bala na agulha, compreende? Não é o fusquinha com funilaria deteriorada do seu Basílio não (risos). Isso para mim mostra que houve, de fato, uma mudança no perfil dos moradores do bairro, são pessoas com um padrão de vida diferenciado, mais requintado por assim dizer. Só compra apartamento aí quem pode mesmo, não é algo voltado para a classe popular, é um produto específico para um público igualmente específico”.*

Pergunta: E como você enxerga a difusão de serviços no bairro nos últimos anos? Dá para reparar que abriram muitas barbearias na região. Como você tem lidado com essa concorrência?

George: *“Encaro como normal. Aqui já tenho minha freguesia consolidada, quem corta comigo, fregueses fiéis. Mais gente no bairro implica no crescimento comercial, não só de barbearias, tem muito mercadinho novo também, oficina mecânica, sorveteria, pizzarias novas que concorrem com as já famosas e consolidadas e por aí vai. Tem espaço para todo mundo, quanto maior a demanda maior será a oferta de serviços, cabe a gente se adaptar, oferecer o melhor serviço, o preço mais atrativo, conquistar o freguês”.*

Pergunta: Você tem o costume de acompanhar os jogos do Clube Atlético Juventus?

George: *“Claro, desde que cheguei no bairro. O Juventus é a maior instituição da Mooca, quando você chega aqui é o primeiro lugar que você quer frequentar, vivenciar, ainda mais quando se é apaixonado por futebol. Eu não cresci assistindo o Juventus, sou corintiano de corpo e alma e sempre acompanhei o cenário principal do futebol, mas quando cheguei na Mooca passei a gostar de acompanhar o Juventus,*

futebol alternativo, mas de uma riqueza imensa para o futebol paulistano. O problema é que o time parou no tempo, se tornou time regional, de bairro mesmo como gostam de provocar os adversários, e muito por culpa da própria torcida que se mostra contra toda e qualquer oportunidade de melhorar a situação financeira do clube, como agora, no caso da transformação do clube em uma SAF, você viu? Seria uma oportunidade de ouro para o time voltar à elite mesmo que num longo período. Caminhando com as próprias pernas a tendência é só se afundar, não tem perspectiva de melhora”.

Pergunta: Conversei com outros torcedores e eles se mostraram totalmente contra o projeto da SAF. Você, então, é a favor desse projeto?

George: *“Com certeza meu, mas sem pensar duas vezes. Muita gente se diz contra mais por birra mesmo do que por convicção, pô meu, não é uma ideia tão ruim assim, seria bom para o clube, eu até entendo à crítica que se faz ao futebol enquanto mercadoria, mas pô, é a realidade do futebol atual, por ser contra isso o Juventus vai ficar parado no tempo, sendo uma realidade somente aqui, nos muros do bairro? Nunca mais vai figurar no cenário estadual, ou até mesmo nacional, somente por certas convicções? Fala sério... No futebol e na vida você tem que se adaptar as situações. É como a questão da concorrência comercial que você levantou, a gente tem que se adaptar. E que legal seria ver o estádio reformado, o time disputando com os grandes da cidade outra vez, conquistando torcedores para fora da Mooca. O problema é que o mooquense acha que se vender a essência do clube acaba, o passado do time é esquecido, o bairro perde a sua maior identidade... nada a ver, é possível harmonizar o passado com o futuro, progredir sem esquecer, expandir sem apagar. O Juventus é da Mooca, mas precisa ser também de São Paulo, do Brasil, por que não? Dá pra expandir os horizontes sem deixar de ser originário do nosso bairro, sem esquecer a história de formação desse clube quase centenário”.*

SEXTA ENTREVISTA: foi realizada uma entrevista com Jaqueline, dentista, 39 anos e residente novata do bairro, como ela mesmo se intitula. Morando há sete anos na Mooca, desde que fez a aquisição de um apartamento em um dos novos empreendimentos construídos no bairro na última década, Jaqueline contesta o apego demasiado às tradições e defende que é possível sim conciliar progresso e preservação do passado do bairro.

Pergunta: Há quanto tempo você reside na Mooca? Por que escolheu o bairro para morar?

Jaqueline: *“Bom, me julgo uma novata no bairro, cheguei aqui em 2015. As pessoas com quem fiz amizade são bem mais antigas na região. Eu morava com meus pais na Vila Matilde, mas cursei a faculdade de odontologia aqui no bairro, foi quando comecei a olhar com carinho a possibilidade de um dia morar aqui. Não é papo dos moradores, é realmente um bairro diferenciado, principalmente dentro de uma metrópole como São Paulo. Chega a ser esquisito, aqui o povo é mais família, tem aquela relação de interior onde as pessoas se cumprimentam na rua, na fila da padaria, na fila do banco, tudo isso mesmo sem se conhecer. Eu já tinha percebido isso na época em que estudava aqui e pensava ‘poxa, parece uma cidade do interior dentro da metrópole’ e*

achava muito louco isso. Meus pais sempre me incentivaram muito a realizar o ‘sonho da casa própria’, assim eu fui cultivando esse objetivo e tive a oportunidade de comprar em 2015 uma unidade no Torres da Mooca. Eu nunca tinha morado em apartamento, tive um baita medo de me arrepender, afinal tudo que envolve grana e banco envolve risco, comprometimento, responsabilidade. Tive que financiar em 25 anos, é uma vida pagando, mas ainda bem que não me arrependi, gosto demais do condomínio e da região. Mas sabe aquela sociabilidade, de cumprimentar as pessoas na rua, aquela relação de interior que eu citei, que havia na época em que eu cursava a graduação aqui no bairro? Isso já não tem mais, pelo menos não onde eu costumo frequentar. Muita gente culpa os novos moradores do bairro por essa perda de sociabilidade, mas não sei, acho uma análise meio simplista demais. É claro que quem nasce e vive a vida em um bairro cria vínculos, laços afetivos com ele, muito mais do que alguém que chegou há pouco tempo no local, mas isso é normal”.

Pergunta: Enquanto moradora de um desses novos empreendimentos imobiliários da região e frequentadora antiga do bairro, haja vista que você estudou aqui, como você encara as mudanças acarretadas pelo processo de verticalização da Mooca?

Jaqueline: *“Para mim não é um processo restrito só a Mooca, a cidade inteira tem passado por isso, chega a ser bizarro que até mesmo no cenário econômico nefasto deixado pela pandemia os lançamentos imobiliários não deixaram de se propagar. Eu trabalho na Avenida Rebouças e posso te afirmar que lá todo terreno tem virado uma torre, comercial ou residencial. A diferença é que determinados bairros ou locais da cidade tendem a resistir a esse processo, e a Mooca é um desses casos. Eu acho legal essa resistência, mas até certo ponto, vou te explicar por quê. Eu acho super válido os moradores locais brigarem e reivindicarem a preservação da memória local. A Mooca é marcada por ter sido um importante distrito industrial da cidade no século passado, por ter abrigado imigrantes, por ter contribuído com o progresso da metrópole. Quando estudei aqui, em 2003 até 2007 por ali, lembro que a presença dos edifícios industriais ainda era bem marcante no bairro. Nos anos 90 também, lembro que quando criança eu visitava minha tia que trabalhava em uma farmácia na Rua da Mooca, passava ali na Rua Borges de Figueiredo para acessar a Rua da Mooca e sentia aquele cheiro de café torrado que exalava da fábrica, inconfundível, um aroma maravilhoso que vinha da fábrica da União. Lá da estação do trem dava para sentir. Hoje já nem existe mais ali aquela fábrica, adivinha o que se tornou? Prédio residencial. Tinha também a Glasslite, fábrica de brinquedos que mexia com minha imaginação de criança toda vez que eu passava ali na frente. É um processo até certo ponto inevitável se levar em consideração o sistema financeiro ao qual estamos submetidos, no final das contas é ele que molda as cidades. Mas também penso que o bairro não pode ficar demasiadamente apegado ao passado. Longe de mim ser contra a manutenção da história, o passado do bairro é de uma riqueza maravilhosa, mas não acho que o bairro tem que ficar apegado a isso de forma irrestrita. É preciso, na minha opinião, conciliar progresso e preservação da história. É preciso construções que respeitem a memória e a história do bairro. Não sou especialista, mas deve ter algum jeito, sei lá, fazer construções que mantenham características do passado fabril com um ar de moderno seria diferente, seria legal. O*

problema é que a imensa maioria dos moradores do bairro ainda é composta daquela figura clássica do italiano ranzinza, resistente a mudanças, que acha que tudo vai piorar se mudar”.

Pergunta: Enquanto moradora do bairro, você costuma acompanhar o Clube Atlético Juventus?

Jaqueline: *“Sinceramente, não, eu não ligo para futebol. Mas eu reconheço a importância do time para o bairro, sempre que você fala para alguém que mora na Mooca te perguntam do Juventus, é engraçado, mas compreensível, afinal tem toda a identidade do bairro associada ao time, é curioso, peculiar, acho que a Mooca é o único bairro associado assim, de bate-pronto, a um time de futebol, para quem curte deve ser maneiro, ter um time pra acompanhar de perto, uma relação meio familiar de torcida, mas eu nunca tive vontade de assistir um jogo lá, só porque eu não gosto e nem entendo nada de futebol mesmo (risos)”.*

Pergunta: Você é, tecnicamente, recém-chegada ao bairro, mas gostaria de saber: você pretende algum dia se mudar da Mooca ou, assim como os moradores antigos do bairro, não pretende trocar a Mooca por outro bairro?

Jaqueline: *“Sou recém-chegada, mas já tenho vínculo com o bairro sim, quer vínculo maior do que uma dívida feita para ser quitada em 25 anos? (risos). Brincadeira a parte, é como eu te disse, tinha um certo receio de não me adaptar ao bairro quando me mudei para cá, embora já conhecesse um pouco do lugar por ter estudado aqui. Felizmente correu tudo bem, gosto muito de morar aqui, você tem fácil acesso ao centro, ao transporte público, a estação Juventus-Mooca fica a uns 500 metros do meu prédio, fora acesso à serviços e comércios sempre perto de casa, tudo isso facilita muito a vida de quem mora aqui. Lembro que quando morava na Vila Matilde era tudo muito mais complicado, o próprio deslocamento de lá até a faculdade em que eu estudava aqui demandava um esforço, como enfrentar transporte público lotado, chegar em casa depois das 22 horas, coisa que é bem perigoso ainda mais para uma mulher”.*

Pergunta: Aproveitando a deixa, como você avalia a segurança aqui do bairro?

Jaqueline: *“Olha, acho que já foi mais tranquilo, não sei..., mas assim, levando em consideração que nesses últimos anos a cidade inteira tem sofrido um aumento no número de crimes de todos os tipos, ainda considero que aqui seja, tipo, normal sabe? Por exemplo, como a vida noturna no bairro é agitada, você consegue passear a noite com certa tranquilidade em determinadas ruas... para o lado da rua da Mooca é mais complicado, já fui assaltada indo para a festa de San Gennaro, em um sábado à noite, daquele lado tem muito morador de rua, os ladrões aproveitam que é um local mal iluminado e fazem a festa. Mas graças a Deus foi só essa vez mesmo. Tem crescido também o número de roubo e furto de veículos na região, mas acho que esse não é um problema só da Mooca, a zona leste como um todo sempre sofreu com esse time de crime, mesmo na Vila Matilde há anos era perigoso você ter carro e não ter seguro”.*

